

**Cantos, contos e imagens:  
puxando mais uns fios nessa história**

Organizadores

*José Roberto Franco Reis*

*Muza Clara Chaves Velasques*

Projeto gráfico e diagramação

*Fernando Vasconcelos*

Revisão e edição de textos

*Cecília Maria Murrieta Antunes*

Participantes da oficina de discussão e  
elaboração do projeto original

*André Vianna Dantas*

*Anakeila de Barros Stauffer*

*Ana Lúcia de Moura Pontes*

*Anamaria D'Andrea Corbo*

*Carla Gruzman*

*Carlos Fidelis Ponte*

*Carlos Henrique A. Paiva*

*Cátia Guimarães*

*Felipe Rangel S. Machado*

*Fernando A. Pires-Alves*

*Gustavo Correa Matta*

*Ialê Falleiros*

*José Ribamar Ferreira*

*José Roberto Franco Reis*

*Juliana Chagas*

*Júlio César França Lima*

*Márcia Cavalcanti Raposo Lopes*

*Maria das Graças Dourado Cardoso Tonhá*

*Márcia Valéria Cardoso Morosini*

*Martha Pompeu Padoani*

*Renata Reis C. Batistella*

*Tarcísio Pereira de Souza*

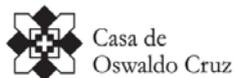
*Zeca Buarque Ferreira*

# Cantos, contos e imagens: puxando mais uns fios nessa história

Observatório História e Saúde (COC)  
Observatório dos Técnicos em Saúde (EPSJV)  
Fundação Oswaldo Cruz

JOSÉ ROBERTO FRANCO REIS  
MUZA CLARA CHAVES VELASQUES

Agosto de 2010





## Sumário

Apresentação	9
1 – Saber médico e poder profissional: do contexto luso-brasileiro ao Brasil Imperial	13
2 – O Brasil no microscópio	21
3 – O sanitarismo (re)descobre o Brasil	33
4 – Saúde pública e medicina previdenciária: complementares ou excludentes?	43
5 – Saúde e desenvolvimento: a agenda do pós-guerra	49
6 – Os anos de chumbo: a saúde sob a ditadura	57
7 – O coração do Brasil bate nas ruas: a luta pela redemocratização do país	65
8 – A Constituinte e o Sistema Único de Saúde	75
9 – A Política Nacional de Saúde nos anos 1990 e 2000: na contramão da história?	81
10 – Trabalho e educação em saúde na agenda do SUS	93





# Apresentação



Desde o início o projeto de criação do livro *Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história* considerava, tendo em vista o público a que ele se dirigiria e os propósitos pedagógicos que o orientavam, a perspectiva de elaborar um material didático que potencializasse a apropriação de conteúdos do campo da saúde, por professores, educadores e profissionais da área em geral. Nos debates realizados nas diversas oficinas de trabalho encarregadas de discutir a elaboração dos textos, observamos a necessidade de construir um livro que, para além da problematização histórica de questões relevantes da saúde, se adequasse às atividades de ensino das diversas escolas do país dedicadas a esse campo de conhecimento, cumprindo a importante função de introduzir, em perspectiva histórica e com profundidade analítica, o tema da saúde através de uma narrativa ágil e com pretensões didáticas. A tarefa só à primeira vista parecia fácil, uma vez que não se tratava de realizar uma mera transposição didática, ou seja, traduzir o saber acadêmico de ponta para o universo escolar. Em compasso com os estudos mais recentes sobre a produção de materiais com fins didáticos, reconhece-se a necessidade de considerar tanto o que se passa nas condições particulares das situações de ensino, quanto as finalidades próprias do saber escolar, em convergência com o que os estudiosos do assunto identificam como razão pedagógica.

Deste modo, ganhou corpo a idéia de produzir um material de apoio que estimule um uso qualificado do livro, no sentido de explorá-lo de modo mais amplo possível. Assim, atentos aos aspectos mencionados acima, procuramos com este encarte ampliar as possibilidades de trabalho dos professores e estudantes em sala de aula. Nosso objetivo é, a partir dos temas apresentados nos diversos capítulos do livro, enriquecer as discussões sobre a saúde no Brasil. Através do roteiro “Para saber mais”, no qual o professor encontrará dicas de livros, textos, filmes, músicas, poesias, obras literárias, questões para discussão, além de sugestões para o uso das imagens contidas na obra, pretendemos contribuir com a ação docente. Com os livros, artigos e textos indicados como leituras complementares, temos a expectativa de que o leitor possa aprofundar e ampliar seu conhecimento sobre os diversos momentos do fecundo processo histórico da saúde no Brasil.

*José Roberto Franco Reis e Muza Clara Chaves Velasques*

Purgando açúcar, pecados e doenças: a herança colonial. A sociedade luso-brasileira, suas doenças e condições sanitárias. Regulamentação sanitária. A Irmandade da Misericórdia: assistência médica como caridade. Saber erudito e saber popular na medicina colonial.

**Saber médico e poder profissional: do contexto luso-brasileiro ao Brasil imperial**

Purgando açúcar, pecados e doenças: a herança colonial. A sociedade luso-brasileira, suas doenças e condições sanitárias. Regulamentação sanitária. A Irmandade da Misericórdia: assistência médica como caridade. Saber erudito e saber popular na medicina colonial.

Purgando açúcar, pecados e doenças: a herança colonial. A sociedade luso-brasileira, suas doenças e condições sanitárias. Regulamentação sanitária. A Irmandade da Misericórdia: assistência

Para saber mais

## LEITURAS

ABREU, Jean Luiz Neves. A Colônia enferma e a saúde dos povos: a medicina das 'luzes' e as informações sobre as enfermidades da América portuguesa. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.14, n.3, jul./set. 2007. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n3/04.pdf>

FLECK, Deckmann. Sobre feitiços e ritos: enfermidades e cura nas reduções jesuítico-guaranis, século XVII. *TOPOI*, v. 6, n. 10, jan./jun. 2005, pp. 71-98. [http://www.revistatopo.org/numeros\\_anteriores/Topoi%2010/topoi10a3.pdf](http://www.revistatopo.org/numeros_anteriores/Topoi%2010/topoi10a3.pdf)

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v11s1/03.pdf>

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. Nas Trincheiras da Cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas, Unicamp, 2001.

SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, Vol. VII (2), 2001. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8n2/a06v08n2.pdf>

VELLOSO, Verônica Pimenta. *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*. Tese de Doutorado em História das Ciências e da Saúde. Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro,

2007. <http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/farmacianacorteimperial.pdf>

## FILMES

**Brava gente brasileira.** Direção Lúcia Murat. Brasil, 2000. 104 min. Pantanal, 1778, região do Médio-Paraguai, um grupo de soldados acompanha Diogo, astrônomo, naturalista e cartógrafo, recém-formado em Coimbra, que chega à região para fazer um levantamento topográfico para a Coroa Portuguesa. A coluna se encaminha para o Forte Coimbra, permanentemente assediada pelos índios cavaleiros, com quem Portugal está tentando um acordo de paz. Diogo terá de confrontar sua formação “ilustrada” com a dura realidade da colônia. O filme trabalha em torno dessas relações, que representam em última instância o conflito entre os dois mundos e na prática o surgimento de um terceiro, onde os conceitos dos dois lados começam a se desintegrar.

**Xica da Silva.** Direção Carlos Diegues. Brasil, 1976. 107 min. Na segunda metade do século XVIII, a escrava negra Xica da Silva (Zezé Motta) torna-se o centro das atenções no Distrito Diamantino, onde estão as minas mais ricas do país. João Fernandes (Walmor Chagas), representante da Coroa Portuguesa, apaixona-se pela escrava e a transforma na Rainha do Diamante, satisfazendo todos os seus desejos extravagantes. Alertado pelos inimigos do casal, o rei de Portugal manda um emissário a fim de impedir que cresça o poder de Xica da Silva na colônia.

**Chico Rei.** Direção Walter Lima Júnior. Brasil, 1985. 115 min. Em meados do século XVIII, Galanga, rei do Congo, é aprisionado e vendido como escravo. Trazido da África num navio negreiro, recebe o nome de Chico Rei e passa a trabalhar nas minas de ouro de um inimigo do governador de Vila Rica. Escondendo pepitas no corpo e nos cabelos, Galanga habilita-se a comprar sua alforria e, após a desgraça do seu ex-senhor, adquire a mina Encardideira, tornando-se o primeiro negro proprietário. A partir daí, associa-se a uma irmandade para ajudar outros negros a comprarem sua liberdade.

**Hans Staden.** Direção Luís Alberto Pereira. Brasil, 2000. 92 min. O filme conta a história de Hans Staden, viajante alemão que em 1550 naufragou no litoral de Santa Catarina. Após conseguir chegar a São Vicente, passa a trabalhar como artilheiro do Forte de Bertioga. Em janeiro de 1554, dias antes de sua volta à Europa, navegando em um rio, Staden acaba aprisionado por índios tupinambás, tribo inimiga dos portugueses.

**O Outro Lado da Nobreza.** Direção Michael Hoffman. EUA/Inglaterra, 1995. 117 min. Robert Merivel é um talentoso estudante de medicina do século XVII, durante o reinado de Charles II, na Inglaterra. O período é o da restauração inglesa e o destino do jovem Merivel muda radicalmente após ter sido convidado a fazer parte da corte do rei. Durante sua trajetória, Merivel é guiado pelas variáveis correntes de mudança de sua época e de seu coração. Como o seu próprio país, ele também passa por uma fase de “restauração”, na tentativa de encontrar seus verdadeiros valores.

**Atlântico Negro: Na rota dos orixás.** Direção Renato Barbieri. Brasil, 1998. 75 min. O

documentário apresenta a grande influência africana na religiosidade brasileira, mostrando a origem e as raízes da cultura jêje-nagô em terreiros de Salvador, que virou candomblé, e do Maranhão, onde a mesma influência gerou o Tambor de Minas. Um dos momentos mais impressionantes desse documentário é o encontro de descendentes de escravos baianos que moram em Benin, um país africano desconhecido para a maioria dos brasileiros, mantendo tradições do século passado.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

O samba enredo abaixo é de Aurindo da Ilha e foi interpretado por Martinho da Vila em 1976 para o desfile da escola de samba carioca União da Ilha.

“A História da Liberdade no Brasil”

*Quem por acaso for folhear a História do Brasil*

*Verá um povo cheio de esperança*

*Desde criança*

*Lutando para ser livre e varonil*

*Do nobre Amadeu Ribeira*

*O homem que não quis ser rei*

*A Manoel, o bequimão*

*Que no Maranhão*

*Fez aquilo tudo que ele fez*

*Nos Palmares Zumbi, um grande herói*

*Chefia o povo a lutar*

*Só para um dia alcançar*

*Liberdade*

*Quem não se lembra*

*Do combate aos Emboabas*

*E da chacina dos mascates*

*O amor que identifica*

*O herói de Vila Rica*

*Na Bahia são os alfaiates*

*Escrevem com destemor*

*Com sangue, suor e dor  
A mensagem que encerra o destino  
De um bom menino*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/martinho-da-vila/287383/>

Na letra da música a seguir, um jongo de Pedro Monteiro (pai de Mestre Darcy, fundador do grupo Jongo da Serrinha, no Rio de Janeiro, no final da década de 1960), quem fala é um negro encarregado de tomar conta de uma botica (antiga denominação das farmácias). Ele diz:

*Eu num é doutô,  
eu num é “fermêro”  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?*

*Ai papai, ai mamãe  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?*

*Eu num sabe lê,  
eu num sabe “crevê”  
Como vai tomá conta de butica na Piedade?*

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. Triste Fim de Policarpo Quaresma. Citado por SANTOS, Affonso Carlos Marques (coord). O Rio de Janeiro de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983.  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000013.pdf>

*No interior, e não é preciso afastar-se muito do Rio de Janeiro, as duas medicinas coexistem sem raiva e ambas atendem às necessidades mentais e econômicas da população. A da Sinhá Chica, quase grátis, ia ao encontro da população pobre, daquela em cujos cérebros, por contágio ou herança, ainda vivem os manitus e manipansos, sujeitos a fugirem aos exorcismos, benzeduras e fumigações. A sua clientela, entretanto, não se resumia só na gente pobre da terra, ali nascida ou criada; havia mesmo*

*recém-chegados de outros ares, italianos, portugueses e espanhóis, que se socorriam da sua força sobrenatural, não tanto pelo preço ou contágio das crenças ambientes, mas também por aquela estranha superstição européia de que todo o negro ou gente colorida penetra e é sagaz para descobrir as coisas malignas e exercer a feitiçaria.*

*Enquanto a terapêutica fluídica ou herbácea de Sinhá Chica atendia aos miseráveis, aos pobretões, a do Doutor Campos era requerida pelos mais cultos e ricos, cuja evolução mental exigia a medicina regular e oficial.*

*Às vezes, um de um grupo passava para o outro; era nas moléstias graves, nas complicadas, nas incuráveis, quando as ervas e as rezas da milagrosa nada podiam ou os xaropes e pílulas do doutor eram impotentes.*

*Sinhá Chica não era lá uma companheira muito agradável. Vivia sempre mergulhada no seu sonho divino, abismada nos misteriosos poderes dos feitiços, sentada sobre as pernas cruzadas, olhos baixos, fixos, de fraco brilho, parecendo esmalte de olhos de múmia, tanto ela era encarquilhada e seca.*

*Não esquecia também os santos, a santa madre igreja, os mandamentos, as orações ortodoxas; embora não soubesse ler, era forte no catecismo e conhecia a história sagrada aos pedaços, aduzindo a eles interpretações suas e interpolações pitorescas.*

*Com o Apolinário, o famoso capelão das ladainhas, era ela o forte poder espiritual da terra. O vigário ficava relegado a um papel de funcionário, espécie de oficial de registro civil, encarregado dos batizados e casamentos, pois toda a comunicação com Deus e o invisível se fazia por intermédio de Sinhá Chica ou do Apolinário. É de dever falar em casamento, mas bem podiam ser esquecidos, porque a nossa gente pobre faz uso*

*reduzido de tal sacramento e a simples mancebia, por toda a parte, substitui a solene instituição católica.*

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. O Moleque. Citado por SANTOS, Affonso Carlos Marques (coord). O Rio de Janeiro de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000156.pdf>

*Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais. O espiritismo se mistura a eles e a sua difusão é pasmosa. A Igreja católica unicamente não satisfaz o nosso povo humilde. É quase abstrata para ele, teórica. Da divindade, não dá, apesar das imagens, de água benta e outros objetos do seu culto, nenhum sinal palpável, tangível de que ela está presente. O padre, para o grosso do povo, não se comunica no mal com ela; mas o médium, o feiticeiro, o macumbeiro, se não a recebem nos seus transe, recebem, entretanto, almas e espíritos que, por já não serem mais da terra, estão mais perto de Deus e participam um pouco da sua eterna e imensa sabedoria.*

*Os médiuns que curam merecem mais respeito e veneração que os mais famosos médicos da moda. Os seus milagres são contados de boca em boca, e a gente de todas as condições e matizes de raça a eles recorre nos seus desesperos de perder a saúde e ir ao encontro da Morte. O curioso – o que era preciso estudar mais devagar – é o amálgama de tantas crenças desconstruídas a que preside a Igreja católica com os seus santos e beatos. A feitiçaria, o espiritismo, a cartomancia e a hagiologia católica se baralham naquelas práticas, de modo que faz parecer que de tal baralhamento de sentimentos religiosos possa vir nascer uma grande religião,*

*como nasceram de semelhantes misturas as maiores religiões históricas.*

*Na confusão do seu pensamento religioso, nas necessidades presentes de sua pobreza, nos seus embates morais e dos familiares, cada uma dessas crenças atende a uma solicitação de cada uma daquelas almas, e a cada instante de suas necessidades.*

## SITES

Sobre a Funai - <http://www.funai.gov.br/>  
Sobre a África - <http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos.php>

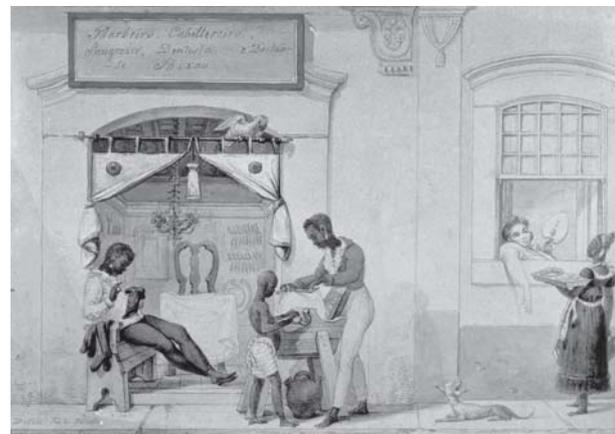
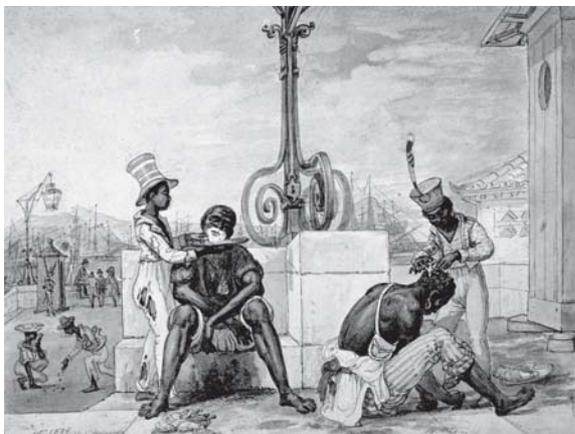
## DE OLHO NO CONTEÚDO

Olhar a realidade das práticas médicas na colônia é perceber que toda ela foi construída a partir da junção dos diferentes saberes que compunham aquele espaço. Índios, negros e colonos praticavam, de diferentes formas, suas atividades curativas. O Estado português não deixou de controlar este campo, determinando o lugar de cada um: à igreja cabia curar as dores e perigos da alma, enquanto o corpo físico deveria ficar aos cuidados dos cirurgiões e boticários. Porém, nem sempre essa imposta divisão funcionava. Práticas terapêuticas misturavam-se com uma gama de benzeduras e encantamentos no cotidiano colonial. A insalubridade e as precárias condições de saúde reforçavam os elos entre os saberes populares e a medicina, que aos poucos se fazia “mais acadêmica”. Um bom exercício para apreendermos as questões da saúde nesse momento da história do Brasil é voltarmos nossa atenção para o ordenamento realizado pelo Estado, durante o período da colonização ao final do século XIX, percebendo como

foram enquadradas de forma sempre nociva as práticas populares, reforçando assim desigualdades e distanciamentos sociais. Reflita sobre essa questão.

## DE OLHO NAS IMAGENS

Observando atentamente as imagens, podemos notar claramente alguns elementos que traduzem a construção do processo de aproximação entre o saber erudito e o saber popular na medicina colonial, principalmente a partir do século XVIII. Você é capaz de destacar esses elementos?







Para saber mais

## LEITURAS

AZEVEDO, André Nunes: “A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana”. Revista Rio de Janeiro, nº 10, maio/ago. 2003. <http://www.ramaldesantacruz.com/reforma2.pdf>

BENCHIMOL, Jaime. Pereira Passos, um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

CARRETA, José Augusto. “Médicos e a Revolta da Vacina”, Teoria e Pesquisa. Revista de Ciências Sociais, vol 18, nº 1, 2009. <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/issue/view/65/showToc>

CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FERNANDES, Tânia Maria. Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1920). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

PEREIRA, Leonardo Miranda. Barricadas da Saúde. Vacina e protesto popular no Rio de Janeiro na Primeira República. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1984.

## FILMES

**Sonhos tropicais.** Direção André Stum. Brasil, 2002, 120 min. Trata do período da vida de Oswaldo Cruz e os eventos relacionados a essa época de intensas mudanças no Brasil do início do século XX. O filme parte da adaptação livre do livro homônimo de Moacyr Scliar. Mostra as transformações ocorridas no Rio de Janeiro após a posse de Rodrigues Alves na Presidência da República. O Rio, então capital do país, era um caos urbano, uma cidade devastada por epidemias como febre amarela, varíola, peste bubônica. As tentativas de alterar esse quadro levarão à insurreição civil e militar em 1904, conhecida como a “Revolta da Vacina”.

**Guerra de Canudos.** Direção Sérgio Rezende. Brasil, 1997, 169 min. No último quarto do século XIX, o beato Antônio Conselheiro atravessa o sertão do Nordeste arregimentando fiéis para uma caravana que tem fim no recôncavo baiano, onde funda o Arraial de Canudos. É o início de uma longa briga entre os fiéis e as tropas da recém-criada República, com várias campanhas e mortes de ambos os lados. Esse épico espetacular recria a fundação e destruição do Arraial de Canudos, no sertão da Bahia. Os acontecimentos são narrados através do drama de uma família sertaneja.

**O Rio dos Trabalhadores.** Direção Paulo Castiglioni e Maria Ciavatta Franco. UFF / CNPQ / FAPERJ. Brasil, 2002, 20 min. Através de imagens de Augusto Malta, Marc Ferrez e outros, o documento narra a história do Rio de

Janeiro nos primeiros anos do século XX, marcada pelo processo de modernização por intermédio das ações do prefeito Pereira Passos. Trata também das formas de organização dos trabalhadores industriais nos seus primórdios e os meios de controle e sujeição utilizados pelo patronato.

**Policarpo Quaresma. Herói do Brasil.** Direção Paulo Thiago, Brasil, 1998, 120 min. Baseado no romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, do escritor Lima Barreto, o filme conta a história do personagem Policarpo Quaresma, visionário e sonhador que aguarda dias grandiosos para o Brasil no período da chamada República Velha.

**Cinematógrapho.** A Reforma de Pereira Passos. **Ministério da Saúde. Centro Cultural da Saúde.** <http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/cinema.html>

**Cinematógrapho.** A Revolta da Vacina. **Ministério da Saúde. Centro Cultural da Saúde.** <http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/cinema2.html>

Os filmes abaixo relacionados podem ser encontrados no **VídeoSaúde Distribuidora** da Fiocruz – ICICT/ FIOCRUZ (<http://www.fiocruz.br/icict/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=47>):

**Revolta da Vacina.** Direção Eduardo Thielen, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 1994, 20 min. As questões sociopolíticas e culturais que envolveram a campanha de vacinação no governo de Rodrigues Alves, na República Velha. Análise dessas questões por médicos sanitaristas e historiadores. Dramatização reconstituindo a Revolta da Vacina.

**A Revolta que parou o Rio.** Direção, TV PUC RIO, Brasil, 2005, 21 min. Documentário sobre a Revolta da Vacina ocorrida no Rio de Janeiro em 1904.

**O Brasil no microscópio.** Direção Eduardo Thielen e Luiz Octavio Ferreira, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil 1989, 21 min. A criação, em 1900, do Instituto Soroterápico Federal, hoje Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), é revista com base em uma análise da conjuntura da saúde no Brasil do início do século.

**Chagas no Acre e no Purus.** Direção Eduardo Thielen e Fernando Dumas, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 1998, 46 min. Produzido a partir de uma expedição em 1913, na Amazônia, procura fazer uma comparação histórica das condições de vida e de saúde da população dos Rios Acre e Purus nestes 80 anos, buscando ainda apontar soluções para as mazelas que assolam a região.

**Chagas no Rio Negro e Branco.** Direção Eduardo Thielen e Fernando Dumas, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 1996, 55 min. Apresenta os passos percorridos pelo médico e pesquisador da Fiocruz, Carlos Chagas, em 1913, investigando as condições médico-sanitárias do Vale do Amazonas, nos Rios Negro e Branco.

**Oswaldo Cruz na Amazônia.** Direção Eduardo Thielen e Stella Oswaldo Cruz Penido, Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Brasil, 2002, 55 min. Documentário histórico que resgata as viagens de Oswaldo Cruz à Amazônia. Em 1905, Oswaldo Cruz realizou viagem de inspeção sanitária aos portos do norte, entrando no Amazonas até Manaus.

Em 1910, realizou uma campanha contra a febre amarela em Belém e estabeleceu um plano de combate à malária nas obras de construção da ferrovia Madeira-Mamoré.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

**A Vacina obrigatória.** Autor desconhecido, 1904. In Memória da Pharmacia, disco Emi Odeon, Roche.

*Anda o povo acelerado  
Com horror à palmatória  
Por causa dessa lambança  
Da vacina obrigatória  
Os panatas da sabença  
Estão teimando dessa vez  
Querem meter o ferro a pulso  
Bem no braço do freguês*

*E os doutores da higiene  
Vão deitando logo a mão  
Sem saberem se o sujeito  
Quer levar o ferro ou não  
Seja moço ou seja velho  
Ou mulatinha que tem visgo  
Homem sério, tudo, tudo,  
Leva ferro que é servido*

*Bem no braço do Zé Povo  
Chega o tipo e logo vai  
Enfiando aquele troço  
A lanceta e tudo mais  
Mas a lei manda que o povo  
E o coitado do freguês  
Vá gemendo na vacina  
Ou então vá pro xadrez*

*Eu não vou nesse arrastão  
Sem fazer o meu barulho  
Os doutores da ciência  
Terão mesmo que ir no embrulho*

*Não embarco na canoa  
Vão meter ferro no boi  
Ou nos diabos que o carregue*

**O Cortiço.** Aluísio de Azevedo, 1890.  
[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1723](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1723)

**Bons Dias.** Machado de Assis. Publicado originariamente em 14 de julho de 1889. In GLEDSON, John. Machado de Assis, BONS DIAS! São Paulo, Campinas: Editora Hucitec/ Editora da Unicamp, 1990.

*Bons Dias!*

*Ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos! Conhece-se um homem diante de um deles. Pessoa que não sentir alguma coisa ao ler folhas do meio século, bem pode crer que não terá nunca uma das vidas mais profundas sensações da vida, igual ou quase igual à que dá vista das ruínas de uma civilização. Não é a saudade piegas, mas a recomposição do extinto, a revivescência do passado, a maneira de Ebers, a alucinação erudita da vida e do movimento que parou.*

*Jornal antigo é melhor que cemitério, por esta razão que no cemitério tudo está morto, enquanto que no jornal está vivo tudo Os letreiros sepulcrais, sobre monótonos, são definitivos: aqui jaz, aqui descansam, orai por ele! As letras impressas a gazeta antiga são variadas, as notícias parecem recentes; é a galera que sai, a peça que se esta representando, o baile de ontem, a romaria de amanhã, uma explicação, um discurso, dois agradecimentos, muitos elogios; é a própria vida em ação.*

*Curandeiros, por exemplo. Há agora uma verdadeira perseguição deles. Imprensa, política, particulares, todos parece, haver jurado a exterminação dessa classe interessante. O que lhes vale ainda um pouco é não terem perdido o governo*

*da multidão. Escondem-se; vão por noite negra e vias escuras levar a droga ao enfermo, e, com ela, a consolação. São pegados, é certo; mas por um curandeiro aniquilado, escapam quatro e cinco.*

*Vinde agora comigo.*

*Temos aqui o Jornal do Commercio de 10 de setembro de 1841. Olhai bem: 1841; lá vão quarenta e oito anos, perto de meio século. Lede com pausa este anúncio de um remédio para os olhos “... eficaz remédio, que já restituiu a vista a muitas pessoas que a tinham perdido, acha-se em casa de seu autor, o Sr. Antônio Gomes, Rua dos Barbonos n° 76”. Era assim, os curandeiros anunciavam livremente, não se iam esconder em Niterói, como o célebre caboclo, ninguém os ia buscar nem prender; punham na imprensa o nome da pessoa, o número da casa, o remédio e a aplicação.*

*Às vezes, o curandeiro, em vez de chamar, era chamado, como se vê nestas linhas da mesma data: “Roga-se ao senhor que cura erisipelas, feridas, etc., de aparecer na Rua do Valongo n° 147”.*

*Era outro senhor que esquecera anunciar o número da casa e a rua, como o Antônio Gomes. Este Gomes fazia prodígios. Uma senhora conta ao público a cura extraordinária realizada por ele em uma escrava, que padecia de ferida incurável, ao menos para médicos do tempo. Chamado Antônio Gomes, a escrava sarou. A senhora tinha por nome D. Luísa Teresa Velasco. Também acho uma descoberta daquele benemérito para impigens, coisa admirável.*

*Além desses, havia outros autores não menos diplomados, nem menos anunciado. Uma loja de papel, situada na Rua do Ouvidor, esquina do Largo de São Francisco de Paulo, vendia um licor antifebril, que não só curava a febre intermitente e a enxaqueca, como era famoso contra cólicas, reumatismo e indigestões.*

*De envolta com os curandeiros e suas drogas, tínhamos uma infinidade de remédios estrangeiros, sem contar as famosas pílulas vegetais americanas. Que direi de um óleo Jacoris Asseli, eficaz para reumatismo, não menos que o bálsamo homogêneo simpático, sem nome de autor nem indicações de moléstias, mas não menos poderoso e buscado?*

*Todas essas drogas curavam, assim as legítimas como as espúrias. Se já não curam, é porque todas as coisas deste mundo têm princípio, meio e fim. Outras cessaram com os inventores. Tempo virá em que o quinino, tão valente agora, envelheça e expire. Neste sentido é que se pode comparar um jornal antigo ao cemitério, mas ao cemitério de Constantinopla, onde a gente passeia, conversa e ri.*

*Plínio, falando da medicina em Roma, afirma que bastava alguém dizer-se médico para ser imediatamente crido e aceito; e suas drogas eram logo bebidas “tão doce é a esperança!” conclui ele. O defunto Antônio Gomes e os seus atuais colegas bem podiam ter vivido em Roma; seriam lá como aqui (em 1841) verdadeiramente adorados. Bons curandeiros! Tudo passa com os anos, tudo, a proteção romana e a tolerância carioca; tudo passa com os anos... ó doce, ó longa, ó inexprimível melancolia dos jornais velhos!*

*Boas noites.*

**Bons Dias.** Machado de Assis. Publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 29/08/1889. In *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. III, 1994. <http://machado.mec.gov.br/arquivos/pdf/cronica/mac11.pdf>

*Bons dias!*

*Hão de fazer-me esta justiça, ainda os meus mais ferrenhos inimigos: é que não sou curandeiro, eu não*

*tenho parente curandeiro, não conheço curandeiro, e nunca vi cara, fotografia ou relíquia, sequer, de curandeiro. Quando adoço não é de espinhela caída, — coisa que podia aconselhar-me a curandeira; é sempre de moléstias latinas ou gregas. Estou na regra; pago impostos, sou jurado, não me podem argüir a menor quebra de dever público.*

*Sou obrigado a dizer tudo isso, como uma profissão de fé, porque acabo de ler o relatório médico acerca das drogas achadas em casa do curandeiro Tobias. Saiu hoje; é um bom documento. Falo também porque outras muitas coisas me estimulam a falar, como dizia o curandeiro-mor, Mal das Vinhas, chamado, que já lá está no outro mundo. Falo ainda, porque nunca vi tanto curandeiro apanhado, — o que prova que a indústria é lucrativa.*

*Pelo relatório se vê que Tobias é um tanto Monsieur Jourdain, que falava em prosa sem o saber; Tobias curava em línguas clássicas. Aplicava, por exemplo, solanum argentum, certa erva, que não vem com outro nome; possuía umas cinqüenta gramas de aristolochia appendiculata, que dava aos clientes; é a raiz de mil-homens. Tinha, porém, umas bugigangas curiosas, esporões de galo, pés de galinha secos, medalhas, pólvora e até um chicote feito de rabo de raia, que eu li rabo de saia, coisa que me espantou, porque estava, estou e morrerei na crença de que rabo de saia é simples metáfora. Vi depois o que era rabo de raia. Chicote para quê?*

*Tudo isto, e ainda mais, foi apanhado ao Tobias, no que fizeram muito bem, e oxalá se apanhem as bugigangas e drogas aos demais curandeiros, e se punam estes, como manda a lei.*

*A minha questão é outra, e tem duas faces.*

*A primeira face é toda de veneração; punamos o curandeiro, mas não esqueçamos que a curandeira foi a célula da medicina. Os primeiros doentes que*

*houve no mundo, ou morreram ou ficaram bons. Interveio depois o curandeiro, com algumas observações rudimentárias, aplicou ervas, que é o que havia à mão, e ajudou a sarar ou a morrer o doente. Daí vieram andando, até que apareceu o médico. Darwin explica por modo análogo a presença do homem na terra. Eu tenho um sobrinho, estudante de medicina, a quem digo sempre que o curandeiro é pai de Hipócrates, e, sendo o meu sobrinho filho de Hipócrates, o curandeiro é avô do meu sobrinho; e descubro agora que vem a ser meu tio, — fato que eu neguei a princípio. Também não borro o que lá está. Vamos à segunda face.*

*A segunda é que o espiritismo não é menos curandaria que a outra, e é mais grave, porque se o curandeiro deixa os seus clientes estropiados e dispépticos, o espírita deixa-os simplesmente doidos. O espiritismo é uma fábrica de idiotas e alienados, que não pode subsistir. Não há muitos dias deram notícia as nossas folhas de um brasileiro que, fora daqui, em Lisboa, foi recolhido em Rilhafoles, levado pela mão do espiritismo.*

*Mas não é preciso que dêem entrada solene nos hospícios. O simples fato de engolir aqueles rabos de raia, pés de galinha, raiz de mil-homens e outras drogas vira o juízo, embora a pessoa continue a andar na rua, a cumprimentar os conhecidos, a pagar as contas, e até a não pagá-las, que é meio de parecer ajuizado. Substancialmente é homem perdido. Quando eles me vêm contar uns ditos de Samuel e de Jesus Cristo, sublinhados de filosofia de armarinho, para dar na perfeição sucessiva das almas, segundo estas mesmas relatam a quem as quer ouvir, palavra que me dá vontade de chamar a polícia e um carro.*

*Os espíritas que me lerem hão de rir-se de mim, porque é balda certa de todo maníaco lastimar a ignorância dos outros. Eu, legislador, mandava*

fechar todas as igrejas dessa religião, pegava dos religionários e fazia-os purgar espiritualmente de todas as suas doutrinas; depois, dava-lhes uma aposentadoria razoável.

*Boas noites.*

**Francisco Pereira Passos.** Boletim da Intendência. Rio de Janeiro, jul./set. 1903.

“(…) Comecei por impedir a venda pelas ruas de vísceras de reses, expostas em tabuleiros, cercados pelo vôo contínuo de insetos, o que constituía espetáculo repugnante. Aboli, igualmente, a prática rústica de ordenharem vacas leiteiras na via pública, que iam cobrindo com seus dejetos, cenas estas que, ninguém, certamente, achará dignas de uma cidade civilizada. [...] Mandei, também, desde logo, proceder à apanha e extinção de milhares de cães que vagavam pela cidade, dando-lhe o aspecto repugnante de certas cidades do Oriente, e isso com grave prejuízo da segurança e da moral públicas. Tenho procurado pôr termo à praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria, que, por toda a parte, perseguiram a população, incomodando-a com infernal grita e dando à cidade o aspecto de uma tavolagem. Muito me preocupei com a extinção da mendicância pública, o que mais ou menos tenho conseguido, de modo humano e equitativo, punindo os falsos mendigos e eximindo os verdadeiros à contingência de exporem pelas ruas sua infelicidade (...)”

**Olavo Bilac.** Crônica. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, mar. 1904.

“Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do

*Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto importante. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!”*

**Olavo Bilac.** Crônica. Revista Kosmos, Rio de Janeiro, nov. 1904.

“As arruaças deste mês, – nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas – vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos os católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos, ou encarcerar todos os homens baixos. E a gente humilde aceitará, como verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado...”

**Lima Barreto.** Diário Íntimo. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000066.pdf>

“Durante as mazorcas de novembro de 1904, eu vi a seguinte e curiosa coisa: um grupo de agentes fazia parar os cidadãos e os revistava. O governo diz que os oposicionistas à vacina, com armas na mão, são vagabundos, gatunos, assassinos, entretanto ele se esquece que o fundo dos seus batalhões, dos seus secretas e inspetores, que mantêm a opinião dele, é da mesma gente. Essa mazorca teve grandes vantagens:

1) demonstrar que o Rio de Janeiro pode ter opinião e defendê-la com armas na mão; 2) diminuir um pouco o fetichismo da farda; 3) desmoralizar a

*Escola Militar. Pela vez primeira, eu vi entre nós não se ter medo de homem fardado. O povo, como os astecas ao tempo de Cortez, se convenceu de que eles também eram mortais.”*

*“É notório que aos governos da República do Brasil faltam duas qualidades essenciais a governos: majestade e dignidade. Vimos durante a mazorca um ministro, o da Guerra, e um general, o Piragibe, darem ordens de simples inspetores em altas vozes e das sacadas de duas Secretarias de Estado. Eis a narrativa do que se fez no sítio de 1904. A polícia arrebanhava a torto e a direito pessoas que encontrava na rua. Recolhia-as às delegacias, depois juntavam na Polícia Central. Aí, violentamente, humilhantemente, arrebatava-lhes os cós das calças e as empurrava num grande pátio. Juntadas que fossem algumas dezenas, remetia-as à ilha das Cobras, onde eram surradas desapiadadamente. Eis o que foi o terror do Alves; o do Floriano foi vermelho; o do Prudente, branco, e o Alves, incolor, ou antes, de tronco e bacalhau.”*

**Minha viola.** Noel Rosa, 1929.

*Minha viola*

*Ta chorando com razão*

*Por causa duma marvada*

*Que roubou meu coração*

*Eu não respeito cantadô que é respeitado*

*Que no samba improvisado me quisé desafiá*

*Inda outro dia fui cantá no galinheiro*

*O galo andou o mês inteiro sem vontade de cantá*

*Nesta cidade todo mundo se acautela*

*Com a tal de febre amarela que não cansa de matá*

*E a dona Chica que anda atrás de mal conselho*

*Pinta o corpo de vermelho*

*Pro amarelo não pegá*

*Eu já jurei não jogá com seu Saldanha*

*Que diz sempre que me ganha*

*No tal jogo do bilhar*

*Sapeca o taco nas bola de tal maneira*

*Que eu espero a noite inteira pras bola carambolá*

*Conheço um véio que tem a grande mania*

*De fazê economia pra modelo de seus filho*

*Não usa prato, nem moringa, nem caneca*

*E quando senta é de cueca*

*Prá não gastá os fundilho*

*Eu tenho um sogro cansado dos regabofe*

*Que procurou o Voronoff, doutô muito creditado*

*E andam dizendo que o enxerto foi de gato*

*Pois ele pula de quatro miando pelos telhado*

*Aonde eu moro tem o Bloco dos Filante*

*Que quase que a todo instante*

*Um cigarro vem filá*

*E os danado vem bancando inteligente*

*Diz que tão com dor de dente*

*Que o cigarro faz passá*

Para ouvir: <http://www.webletras.com.br/musica/noel-rosa/minha-viola>

**Vela no breu.** Paulinho da Viola e Sergio Natureza, 1976.

*Ama e lança chamas*

*Assovia quando bebe*

*Canta quando espanta*

*Mau-olhado, azar e febre*

*Sonha colorido*

*Adivinha em preto-e-branco*

*Anda bem vestido*

*De cartola e de tamanco*

*Dorme com um cachorro*

*Com um gato e um cavaquinho*

*Dizem lá no morro*

*Que fala com passarinho*

*Desde pequenino*

*Chora rindo, olha pra nada*

*Diz que o céu é lindo*

*Na boca da madrugada*

*Sabe medicina*

*Aprendeu com sua avó*

*Analfabetina*

*Que domina como só*

*Plantas e outros ramos*

*Da flora medicinal*

*Com cento e oito anos*

*Nunca entrou num hospital..*

*Joga capoeira*

*Nunca brigou com ninguém*

*Xepa lá na feira*

*Divide com quem não tem...*

*Faz tudo o que sente*

*Nada do que tem é seu*

*Vive do presente*

*Acende a vela no breu.*

Para ouvir: <http://www.webletras.com.br/musica/paulinho-da-viola/vela-no-breu>

## SITES

Catálogo da Exposição: Revolta da Vacina. Cidadania, Ciência e Saúde:

[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/06\\_1092\\_FL.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/06_1092_FL.pdf)

História da Vacina: uma técnica milenar:

<http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/pdf/M7.pdf>

Biblioteca virtual Adolpho Lutz:

<http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/php/index.php>

Biblioteca virtual Carlos Chagas:

<http://www.bvschagas.coc.fiocruz.br/php/>

Museu da Vida- COC- Fiocruz:

<http://www.museudavida.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home&UserActiveTemplate=mvida>

## DE OLHO NO CONTEÚDO:

1) De acordo com os ensinamentos do historiador inglês George Rudé, estudos a respeito do comportamento coletivo de multidões devem buscar prioritariamente identificar a *composição social* dos envolvidos, bem como os seus *objetivos e alvos* principais. Além disso, sugere que tais manifestações sejam compreendidas como portadoras de *propósitos sociais*, sendo parte integrante de um processo histórico em que se pode apreender suas *motivações*. Por isso, *não* devem ser vistas como resultados de comportamentos irracionais, cegos e até patológicos de multidões descontroladas. Assim, levando em conta tal perspectiva de investigação (que valoriza a composição social, os objetivos e alvos do movimento, além da existência de propósitos sociais ou motivos para a ação), faça um comentário sobre a revolta de 1904 discutida no capítulo que você acabou de ler.

2) *Nesta cidade todo mundo se acautela*

*Com a tal de febre amarela que não cansa de matá*

*E a dona Chica que anda atrás de mal conselho*

*Pinta o corpo de vermelho*

*Pro amarelo não pegá*

Essa estrofe da música *Minha viola*, de Noel Rosa, relata os receios da população diante do avanço de determinadas doenças (no caso a febre amarela), que não cansavam de “matá”. Expressa, pois, de modo irônico, as estratégias populares para enfrentá-las, sugerindo a pouca confiança da população na eficiência das medidas sanitárias definidas pelas autoridades. Ora, diante desse quadro, como indica a música, iam “atrás de mal conselho” buscando se proteger. Como você pôde ler no capítulo dois, havia, entre os médicos, grandes

divergências acerca das origens e formas de combate às doenças no período, o que talvez explique, em parte, a desconfiança da população. Com o objetivo de sistematizar sua leitura, procure caracterizar as diversas concepções médicas vigentes no período, procurando ressaltar como cada uma delas implicava num certo tipo de intervenção terapêutica na cidade.

### DE OLHO NAS IMAGENS:

Observe com cuidado a imagem selecionada e procure anotar como sua riqueza de detalhes simboliza os diversos riscos sanitários presentes na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX.



2



Para saber mais

## LEITURAS

ALMEIDA, Marta de. São Paulo na Virada do Século XX; um laboratório de saúde pública para o Brasil. Tempo. Rio de Janeiro/Niterói: UFF, julho de 2005. Número 19.  
[http://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artg19-6.pdf](http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg19-6.pdf)

BENCHIMOL, Jaime Larry (Coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Bio-Manguinho; Ed. Fiocruz, 2001.

CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.  
[http://www.ims.uerj.br/downloads/o\\_pensamento\\_sanitarista\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.ims.uerj.br/downloads/o_pensamento_sanitarista_no_Brasil.pdf)

KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento, 2009.  
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/10.pdf>

LIMA, Nísia Trindade. Um sertão chamado Brasil. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ, 1998.

\_\_\_\_ e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela Raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo V. (Org.). in *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.

SÁ, Dominichi M. de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’.

In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento 1, 2009.  
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/16.pdf>

\_\_\_\_. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento 1, p. 183-203, 2009.  
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/09.pdf>

TEIXEIRA, Luiz Antonio e ALMEIDA, Marta de. Os Primórdios da Vacina antivariólica em São Paulo: uma história pouco conhecida. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz, 2003. vol. 10, suplemento.  
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10s2/a03v10s2.pdf>

## FILMES

**Política de Saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde.** Documentário do cineasta Renato Tapajós, lançado pelo Ministério da Saúde em 2006.  
<http://video.google.com/videoplay?docid=5787222578615549628#>

**Macunaíma.** Direção Joaquim Pedro de Andrade. Brasil, 1969, 108 min. Macunaíma é um herói preguiçoso e sem nenhum caráter. Depois de adulto deixou o sertão em companhia dos irmãos e foram todos viver várias histórias na cidade, numa grande aventura urbana, para depois retornarem à

selva. Um compêndio das tradições e da alma do brasileiro, a partir do clássico romance de Mário de Andrade.

**Fogo Morto.** Direção Marcos Faria. Brasil, 1976, 88 min. Colono expulso de suas terras pede ajuda de cangaceiros para reaver o que é seu. Baseado no romance de José Lins do Rego, aborda o problema do coronelismo e das lutas entre a polícia e o cangaço na região dos engenhos da Paraíba em 1910.

**Jeca Tatu.** Direção Milton Amaral. Brasil, 1960, 95 min. Jeca Tatu é um roceiro muito preguiçoso, porém, ao se deparar com a possibilidade de perder o seu rancho para os ferozes latifundiários da região, Jeca começa a se movimentar. Um clássico da filmografia de Mazaropi a partir do personagem criado por Monteiro Lobato.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

**Coração – Samba anatômico.** Noel Rosa, 1931.

*Coração  
Grande órgão propulsor  
Transformador do sangue venoso em arterial  
Coração  
Não és sentimental  
Mas entretanto dizem  
Que és o cofre da paixão  
Coração  
Não estás do lado esquerdo  
Nem tampouco do direito  
Ficas no centro do peito - eis a verdade!  
Tu és pro bem-estar do nosso sangue  
O que a casa de correção  
É para o bem da humanidade  
Coração  
De sambista brasileiro  
Quando bate no pulmão*

*Lembra a batida do pandeiro  
Eu afirmo  
Sem nenhuma pretensão  
Que a paixão faz dor no crânio  
Mas não ataca o coração Conheci  
Um sujeito convencido  
Com mania de grandeza  
E instinto de nobreza  
Que, por saber  
Que o sangue azul é nobre  
Gastou todo o seu cobre  
Sem pensar no seu futuro  
Não achando  
Quem lhe arrancasse as veias  
Onde corre o sangue impuro  
Viajou a procurar  
De norte a sul  
Alguém que conseguisse  
Encher-lhe as veias  
Com azul de metileno  
Pra ficar com sangue azul*

**Bailado Sueco.** Sérgio Milliet, 1927. In MILLIET, Sérgio. Poesias. Porto Alegre: Livr. Globo, 1946. p. 50. (Publicado originalmente em *Poemas Análogos*).

*Floresta a três andares  
As horas da noite pouco a pouco se vão indo  
e as horas brancas se aproximam  
Chovem desejos retorcidos  
tentações em verde escuro  
Zé Pereira  
... bum... bum... bum...  
bum... bum... bum... bum...  
Brasil carnavalesco e feiticeiro  
cheio de bruxas e de negros  
dançando o samba  
dos sensualismos nacionais*

*“O meu boi morreu  
que será de mim!!!”*

*A lua muito grande  
muito vermelha  
viajando incógnita pela Europa  
Sangue!*

*Todo esse sangue de mil raças  
corre em minhas veias  
Sou brasileiro  
Mas do Brasil sem colarinho  
do Brasil negro  
do Brasil índio*

*Cendrars é um poeta brasileiro!*

LOBATO, Monteiro. Urupês. 9ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

*(...) O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “cabocismo”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; o cocar virou rancho de sapé: o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.*

*Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras.*

*(...) Hoje ainda há perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o “Ai Jesus!” nacional.*

*É de ver o orgulho entono com que respeitáveis figurões batem no peito exclamando com altivez: Sou raça de caboclo!*

*(...) Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beço, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução,*

*impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.*

*Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrovinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.*

*Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coca a cabeça, magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.*

*A 15 de Novembro, troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.*

*Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumerindo bate às portas de Roma; Incitátus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...*

*Nada o esperta. Nenhuma ferroteada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.*

*Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie.*

*(...)*

*Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras.*

*Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de três palmitos.*

*Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!*

*Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...*

*(...)*

*Seu grande cuidado é espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço — e nisto vai longe.*

*Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-Barro. Pura biboca de bosquímano. Móvel, nenhuma. A cama é uma espigada esteira de peri posta sobre o chão batido.*

(...)

— “Não paga a pena.”

*Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive.*

(...)

*A sua medicina corre parrelhas com o civismo e a móvel — em qualidade. Quantitativamente, assombra. Da noite cerebral pirlampejam-lhe apózemas, cerotos, arrobes e eletuários escapos à sagacidade cômica de Mark Twain. Compendia-se um Chernoviz não escrito, monumento de galhofa onde não há rir, lúgubre como é o epílogo. A rede na qual dois homens levam à cova as vítimas de semelhante farmacopéia é o espetáculo mais triste da roça.*

*Quem aplica as mezinhas é o “curador”, um Eusébio Macário de pé no chão e cérebro trancado como moita de taquariçu. O veículo usual das drogas é sempre a pinga — meio honesto de render homenagem à deusa Cachaça, divindade que entre eles ainda não encontrou heréticos.*

*Doenças haja que remédios não faltam.*

*Para bronquite, é um porrete cuspir o doente na boca de um peixe vivo e soltá-lo: o mal se vai com o peixe água abaixo...*

*Para “quebranto de ossos”, já não é tão simples a medicação. Tomam-se três contas de rosário, três galhos de alecrim, três limas de bico, três iscas de palma benta, três raminhos de arruda, três ovos de pata preta (com casca; sem casca desanda) e um saquinho de picumã; mete-se tudo numa gamela d’água e banha-se naquilo o doente, fazendo-o tragar três goles da zurrapa, É infalível!*

*O específico da brotoeja consiste em cozimento de beijo de pote para lavagens. Ainda há aqui um pormenor de monta; é preciso que antes do banho a mãe do doente molhe na água a ponta de sua trança. As brotoejas saram como por encanto. Para dor de peito que “responde na cacunda”, cataplasma de “jasmim de cachorro” é um porrete. Além desta alopatia, para a qual contribui tudo quanto de mais repugnante e inócuo existe na natureza, há a medicação simpática, baseada na influência misteriosa de objetos, palavras e atos sobre o corpo humano.*

(...)

*No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escachão permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.*

*Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.*

*Só ele, no meio de tanta vida, não vive...*

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. 9ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

(...) o erro dos nossos governos em nunca levarem em conta, para solucionar o problema do trabalho agrícola, a parte da higiene.

A política adotada nesse pormenor sempre foi irmã da política financeira – tomar empréstimos de músculos europeus.

Faltou-nos o estadista de visão bastante lúcida para apreender este outro modo de obter braços: a restauração pelo saneamento dos milhões que temos em casa, incapacidade para o trabalho por força de males curáveis e evitáveis.

(...) *É mister, curando-o, valorizar o homem da terra, largado até aqui no mais criminoso abandono. Curá-lo é recriar riqueza.*

*É estabelecer os verdadeiros alicerces da nossa restauração econômica e financeira.*

(...)

*A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol.*

*Mas é um homem em estado latente.*

*Possui dentro de si grande riqueza em forças.*

*Mas força em estado de possibilidade.*

*E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência as terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, catequizam o corpo e atrofiam o espírito.*

*O caipira não “é” assim. “Está” assim.*

*Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.*

(...)

*Mostra como em brevíssimos anos se opera nele uma verdadeira ressurreição física e mental, se lhe acudimos com o remédio inteligente, e mostra ainda como a riqueza surge, larga e farta, quando a boa organização o toma sob o seu palio.*

*Ora, num momento destes, em que a chacina européia destrói aquele excedente de população donde nos vinha o caudal de braços, é condição de vida para o país atender ao apelo da lavoura, fornecendo-lhe em vez dos chins propostos, trabalhadores nacionais restaurados nas suas energias pela cura e pela higiene.*

(...)

*Com dois contos reduzidos a assistência profilática ou a medicamentos, quantos caboclos assolados pela ancilostomose ou pela maleita não reverterão à atividade?*

LIMA BARRETO, Afonso Henrique de. Problema Vital, 1923. In Bagatelas. São Paulo. Brasiliense, 1956.

(...) *trabalhos de jovens médicos como os doutores Artur Neiva, Carlos Chagas, Belisário Pena e outros, vieram demonstrar que a população roceira do nosso país era vítima desde muito de várias moléstias que a alquebravam fisicamente. Todas elas têm uns nomes rebarbativos que me custam muito a escrever; mas Monteiro Lobato os sabe de cor e salteado e, como ele, hoje muita gente. Conheci-as, as moléstias, pelos seus nomes vulgares; papeira, opilação, febres e o mais difícil que tinha na memória era – bôcio. Isto, porém, não vem ao caso e não é o importante da questão.*

*Os identificadores de tais endemias julgam ser necessário um trabalho sistemático para o saneamento dessas regiões afastadas e não são só estas. Aqui, mesmo, nos arredores do Rio de Janeiro, durante a minha meninice e adolescência, na ilha do Governador, onde meu pai era administrador das colônias de Alienados. Pelo meu testemunho, julgo que o doutor Pena tem razão. Lá todos sofriam de febres e logo que fomos, para lá, creio que em 1890 ou 1891, não havia dia em que não houvesse, na nossa casa, uma cama, tremendo com a sezão e delirando de febre. A mim, foram precisas até injeções de quinino.*

*Por esse lado, julgo que ele e seus auxiliares não falsificaram o estado de saúde de nossas populações campestres. Têm toda a razão. O que não concordo com eles, é com o remédio que oferecem. Pelo que leio em seus trabalhos, pelo que a minha experiência pessoal pode me ensinar, me parece que há mais nisso uma questão de higiene domiciliar e de régimen alimentar.*

*A nossa tradicional cabana de sapê paredes de taipa é condenada e a alimentação dos roceiros é insuficiente, além do mau vestuário e do abandono do calçado.*

*A cabana de sapê tem origem muito profundamente no nosso tipo de propriedade agrícola – a fazenda. Nascida sob o influxo do regímen do trabalho escravo, ele se vai eternizando, sem se modificar, nas suas linhas gerais. Mesmo, em terras ultimamente desbravadas e servidas por estradas de ferro, como nessa zona Noroeste, que Monteiro Lobato deve conhecer melhor do que eu, a fazenda é a forma com que surge a propriedade territorial no Brasil. Ela passa de pais a filhos; é vendida integralmente e quase nunca, ou nunca, se divide. O interesse do seu proprietário é tê-la intacta, para não desvalorizar as suas terras. Deve ter uma parte de matas virgens, outra parte de capoeira, outra de pastagens, tantos alqueires de pés de café, casa de moradia, de colonos, currais, etc. Para isso, todos aqueles agregados ou cousa que valha, que são admitidos a habitar no latifúndio, têm uma posse precária das terras que usufruem; e, não sei se está isto nas leis, mas nos costumes está, não podem construir casa de telha, para não adquirirem nenhum direito de locação mais estável. Onde está o remédio, Monteiro Lobato? Creio que procurar meios e modos de fazer desaparecer a “fazenda”. Não acha? Pelo que li no Problema Vital, há câmaras municipais paulistas que abrigam os fazendeiros a construir casas de telhas, para os seus colonos e agregados. Será bom? Examinemos. Os proprietários de latifúndios, tendo mais despesas com os seus miseráveis trabalhadores, esfolarão mais os seus clientes, tirando-lhes ainda mais dos seus míseros salários do que tiravam antigamente. Onde tal cousa irá repercutir? Na alimentação, no vestuário. Estamos, portanto, na mesma. Em suma, para não alongar. O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regímen capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar a propriedade da*

*terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo parasita, que vive na “Casa Grande” ou no Rio ou em São Paulo. Já em tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o “Problema Vital”.*

## SITES

Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/>

Portal da Casa de Oswaldo Cruz:

<http://www.coc.fiocruz.br/>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1) Durante as três primeiras décadas do século XX, o discurso e a ação sanitaria marcaram os debates sobre a saúde e a construção da nação brasileira, inscrita na ordem republicana. O discurso médico, o discurso científico e o discurso literário unem-se no combate à teoria racista que apontava o aprimoramento racial, através dos determinantes biológicos, como saída para o atraso econômico e social do Brasil. O discurso sanitaria procurou pôr fim a essa concepção ao incorporar a realidade de um país doente nas novas reflexões sobre a sociedade, apresentando também a completa ausência do poder público frente às questões da saúde. Após ler o capítulo, faça uma reflexão sobre o tema.

## DE OLHO NAS IMAGENS

Nas imagens vemos a atuação médico-sanitária traduzida pelo Campanhismo. Construir a nação significava transformá-la em um Brasil saudável e, para isso, era necessário redescobri-lo,

integrá-lo, curá-lo, dando fim às ideias de determinismo racial. Os médicos campanhistas foram um bom exemplo da prática sanitarista da época, integrada à nova ideia de construção da nação. Observe a imagem e aponte algumas características desse novo momento.

Monteiro Lobato imortalizou na figura de Jeca Tatu o abandono pelo Estado das populações do interior do Brasil, relegadas à ausência de condições dignas de saúde e educação. Suas mazelas eram as mazelas de um Brasil doente. Porém, esse mesmo Jeca-Tatu, segundo o pensamento dos intelectuais da época, poderia obter a “redenção”. Examine as imagens e construa uma análise sobre esta possibilidade de transformação.



3



# 4

**Saúde pública e medicina previdenciária: complementares ou excludentes?**

Para saber mais

## LEITURAS

ARAÚJO, Maria Celina de. A Era Vargas. São Paulo, Editora Moderna, 2004.

COHN, Amélia. A Reforma da previdência social no Brasil: virando a página da história? São Paulo em perspectiva, ano 9, vol 4, 1995. [http://www.cedec.org.br/files\\_pdf/Areformadaprevidenciasocial.pdf](http://www.cedec.org.br/files_pdf/Areformadaprevidenciasocial.pdf)

FONSECA, Cristina M.O. Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

HAMILTON, Wanda e FONSECA, Cristina. M. O. Políticas, atores e interesses no processo de mudança institucional: a criação do Ministério da Saúde em 1953. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 10, n° 3, p. 791-826, 2003. <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n3/19301.pdf>

HOCHMAN, Gilberto. A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil. São Paulo: Hucitec; ANPOCS, 1998.

HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e política de saúde no Brasil (1930-45). Educar, Curitiba, UFPR, n° 25, 2005. <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/2242/1874>

LIMA, Nísia T.; FONSECA, Cristina M. O.; HOCHMAN, Gilberto. “A Saúde na construção do Estado Nacional no Brasil: reforma sanitária em perspectiva histórica”. In: LIMA, Nísia T.; GERSHMAN, Silvia, EDLER, Flavio C. e SUÁREZ,

Julio M. (org.). Saúde e Democracia. História e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MALLOY, James. Política de previdência social no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

OLIVEIRA, Jaime e TEIXEIRA, Sônia. (Im)previdência social: 60 anos de história da previdência no Brasil. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, Abrasco, 1986.

SCOREL, Sarah e TEIXEIRA, Luiz Antonio. “História das políticas de Saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimentismo populista”. In: GIOVANELLA, Lúcia et al. (org.). Políticas e sistemas de saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

SCOREL, Sarah. Saúde pública: Utopia de Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

## FILMES

**Olga.** Direção Jayme Monjardim, Brasil, 2004, 141 min. Adaptação cinematográfica do livro homônimo de Fernando Morais, narra a história da revolucionária alemã Olga Benário Prestes desde a sua adolescência em Munique, passando pelo romance com o líder comunista Luís Carlos Prestes, até o nascimento de sua filha Anita Prestes e sua morte na câmara de gás, durante o regime nazista de Hitler.

**Memórias do Cárcere.** Direção Nelson Pereira dos Santos, Brasil, 1984, 124 min. Adaptação

cinematográfica da obra homônima de Graciliano Ramos, conta a experiência vivida pelo escritor na prisão da Ilha Grande, após ser preso em Alagoas suspeito de colaborar com a Aliança Nacional Libertadora (ALN).

**Getúlio Vargas.** Direção Ana Carolina, Brasil, 1974, 76 min. Documentário que narra a vida e a carreira de um dos mais importantes presidentes do país. Utilizando material de arquivo, retrata a política trabalhista de Vargas desde os anos 30 até seu trágico suicídio em 1954.

**Os anos JK - uma trajetória política.** Direção Silvio Tendler, Brasil, 1980, 110 min. Por intermédio de entrevistas, fotos, sons e imagens de arquivo, o documentário acompanha a trajetória política de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1975), desde a sua juventude em Diamantina nos anos 1930, passando pela Presidência da República, entre 1956 e 1961, e chegando aos anos de exílio e morte em um acidente de automóvel. Traça um vigoroso painel da vida política brasileira em boa parte do século XX.

**Cinema, aspirinas e urubus.** Direção Marcelo Gomes, Brasil, 2005, 100 min. 1942: encontro de dois homens que juntos cruzam as estradas do atrasado sertão nordestino: Johann, um alemão que fugiu da Guerra, e Ranulpho, um brasileiro que quer escapar da seca que assola a região. Viajando pelos pequenos povoados da região, eles exibem filmes com o objetivo de vender um remédio “milagroso”, a aspirina. Nesse trajeto, realizam um importante aprendizado de respeito e fortes vínculos de amizade.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

**É negócio casar.** Ataulfo Alves e Felisberto Martins, 1941.

*Veja só...  
A minha vida como está mudada  
Não sou mais aquele  
Que entrava em casa alta madrugada  
Faça o que eu fiz  
Porque a vida é do trabalhador  
Tenho um doce lar  
E sou feliz com meu amor  
O Estado Novo  
Veio para nos orientar  
No Brasil não falta nada  
Mas precisa trabalhar  
Tem café, petróleo e ouro  
Ninguém pode duvidar  
E quem for pai de 4 filhos  
O presidente manda premiar...  
É negócio casar*

**Recenseamento.** Assis Valente, 1940.

*Em 1940  
lá no morro começaram o recenseamento  
E o agente recenseador  
esmiuçou a minha vida  
foi um horror  
E quando viu a minha mão sem aliança  
encarou para a criança  
que no chão dormia  
E perguntou se meu moreno era decente  
E se era do batente ou era da folia  
Obediente eu sou a tudo que é da lei  
fiquei logo sossegada e falei então:  
O meu moreno é brasileiro, é fuzileiro,  
e é quem sai com a bandeira do seu batalhão!  
A nossa casa não tem nada de grandeza  
nós vivemos na pobreza, sem dever tostão  
Tem um pandeiro, uma cuíca, um tamborim*

*um reco-reco, um cavaquinho e um violão  
Fiquei pensando e comecei a descrever  
tudo, tudo de valor  
que meu Brasil me deu  
Um céu azul, um Pão de Açúcar sem farelo  
um pano verde-amarelo  
Tudo isso é meu!*

*Tem feriado que pra mim vale fortuna  
a Retirada de Laguna vale um cabedal!  
Tem Pernambuco, tem São Paulo, tem Bahia  
um conjunto de harmonia que não tem rival  
Tem Pernambuco, tem São Paulo, tem Bahia  
um conjunto de harmonia que não tem rival*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/carmen-miranda/687215/>

**Bonde São Januário.** Wilson Batista e Ataulfo Alves, 1940.

*Quem trabalha  
É quem tem razão  
Eu digo  
E não tenho medo  
De errar Quem trabalha...  
O Bonde São Januário  
Leva mais um operário  
Sou eu  
Que vou trabalhar  
O Bonde São Januário...  
Antigamente  
Eu não tinha juízo  
Mas hoje  
Eu penso melhor  
No futuro  
Graças a Deus  
Sou feliz  
Vivo muito bem  
A boemia  
Não dá camisa  
A ninguém  
Passe bem!*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/wilson-batista/259906/>

**Ministério da economia.** Geraldo Pereira e Arnaldo Passos, 1951.

*Seu Presidente,  
Sua Excelência mostrou que é de fato  
Agora tudo vai ficar barato  
Agora o pobre já pode comer  
Seu Presidente,  
Pois era isso que o povo queria  
O Ministério da Economia  
Parece que vai resolver  
Seu Presidente  
Graças a Deus não vou comer mais gato  
Carne de vaca no açougue é mato  
Com meu amor eu já posso viver  
Eu vou buscar  
A minha nega pra morar comigo  
Porque já vi que não há mais perigo  
Ela de fome já não vai morrer  
A vida estava tão difícil  
Que eu mandei a minha nega bacana  
Meter os peitos na cozinha da madame  
Em Copacabana  
Agora vou buscar a nega  
Porque gosto dela pra cachorro  
Os gatos é que vão dar gargalhada  
De alegria lá no morro*

**Olga.** Fernando Morais. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**Memórias do Cárcere.** Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, Record, 2008.

## SITES

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV)  
<http://cpdoc.fgv.br/>

Biblioteca de História das Ciências e da Saúde –  
Casa de Oswaldo Cruz (COC)  
[http://www.coc.fiocruz.br/informacao/index.php?option=com\\_content&view=article&id=80&Itemid=85](http://www.coc.fiocruz.br/informacao/index.php?option=com_content&view=article&id=80&Itemid=85)

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1) O primeiro texto deste capítulo, “Entre a saúde pública e a medicina previdenciária”, salienta a “crescente separação entre a área da saúde pública e o atendimento médico individualizado propiciado pela medicina previdenciária”. Procure caracterizar os diversos fatores (históricos, de modelos de saúde, concepções filosóficas, interesses mercantis) que teriam determinado esse processo de separação e as consequências disso para a população, sobretudo a mais pobre.

2) O título do artigo “Vargas e a previdência: entre a dádiva e o direito” sugere uma condição ambígua quanto ao sentido político do sistema de previdência social implantado no período do primeiro governo Vargas. Depois de ler o artigo, pesquise os significados das palavras

*dádiva* e *direito* e reflita sobre os motivos da ambiguidade sugerida pelo título.

3) A imagem da página 144 (1ª imagem), que retrata a presença de uma visitadora sanitária do recém-criado Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), e a da página seguinte, que apresenta uma propaganda da Escola de Enfermagem de São Paulo, idealizada pelo mesmo SESP, atestam a importância dessa instituição e a influência norte-americana na conformação de um modelo de saúde pública no Brasil nos pós 1930. Sobre isso comente: a) qual o interesse dos EUA na saúde pública brasileira; b) quais as características básicas desse modelo de saúde; c) que críticas ele passa a receber do chamado sanitarismo desenvolvimentista dos anos 1950.

## DE OLHO NAS IMAGENS

Analise a imagem procurando observar de que modo ela expressa uma crítica à relação entre o modelo previdenciário dirigido à assistência médica individual e a prática de celebração de convênios, nesse campo, entre a previdência e o setor privado.



Pós-guerra, Estado de bem-estar e desenvolvimento. Ciência, técnica e fragmentação da saúde. Medicina preventiva. Medicina comunitária. Medicina social e saúde coletiva. Alma-Ata, Cazaquistão, 1978: a Conferência Internacional de Atenção Primária à Saúde. Pós-guerra, Estado de bem-estar e desenvolvimento. Ciência, técnica e fragmentação da saúde.

# Saúde e desenvolvimento: a agenda do pós-guerra

Medicina preventiva. Medicina comunitária. Medicina social e saúde coletiva. Alma-Ata, Cazaquistão, 1978: a Conferência Internacional de Atenção Primária à Saúde. Pós-guerra, Estado de bem-estar e desenvolvimento. Ciência, técnica e fragmentação da saúde. Medicina preventiva. Medicina comunitária. Medicina social e saúde coletiva. Alma-Ata, Cazaquistão, 1978: a Conferência Internacional de Atenção

Para saber mais

## LEITURAS

ALMEIDA, Cláudio Aguiar. *Cultura e sociedade no Brasil, 1940-1968*. São Paulo, Atual, 1996.

AROUCA, Sérgio. *O Dilema Preventivista: contribuição para a compreensão e a crítica da medicina preventiva*. São Paulo, Rio de Janeiro: Ed. Unesp, Ed. Fiocruz, 2003.

BARROS, Edgard Luiz de. *O Brasil de 1945 a 1964*. São Paulo: Contexto, 1990.

BENEVIDES, Maria Vitória. 2ª ed. *O governo Jânio Quadros*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BERTOLOZZI, Maria Rita e GRECO, Rosângela Maria. *As políticas de saúde no Brasil: reconstrução histórica e perspectivas atuais*. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo: USP, 1996. v. 30, n.3, p.380-98, dez. 1996. <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/356.pdf>

BUENO, Eduardo. *Vendendo Saúde. A História da Propaganda de medicamentos no Brasil*. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008. [http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo\\_saude.pdf](http://www.anvisa.gov.br/propaganda/vendendo_saude.pdf)

DANTAS, José e DORATIOTO, Francisco. *A república bossa-nova*. São Paulo: Atual, 1991.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Crônica de um golpe anunciado*. *Nossa História*. Ano 1 n 5, março de 2004. Biblioteca Nacional. p. 26-30.

ESCOREL, Sarah. *Reviravolta na saúde: origem e articulação do movimento sanitário*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999.

FENELON, D.R. *A Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HOBBSAWM. *A Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOCHMAN, Gilberto. *Agenda internacional e políticas nacionais: uma comparação histórica entre programas de erradicação da malária e da varíola no Brasil*. In: HOCHMAN, G; ARRETCHE, Marta e MARQUES, Eduardo. *Políticas públicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.

NEVES, Santuza Cambraia. *Da Bossa Nova à Tropicália*. Rio de Janeiro: JZE, 2001.

KROPF, Simone Petraglia. *Ciência, saúde e desenvolvimento: a doença de Chagas no Brasil (1943-1962)*. *Tempo*. Rio de Janeiro/Niterói, UFF, julho de 2005. Nº 19. PP 107-124. <http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a08.pdf>

MARANHÃO, Ricardo. *O Governo Juscelino Kubitschek*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VIGEVANI, Tullo. *Terceiro Mundo: Conceito e História*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

## FILMES

**O Homem do Sputnik**. Direção Carlos Manga, Brasil, 1959. 98 min. Um estranho objeto parecido com o famoso satélite russo Sputnik

cai no quintal de Anastácio e sua esposa, matando todas as suas galinhas. Anastácio tenta penhorar o objeto, porém sua história acaba descoberta pela mídia. O fato repercute chamando a atenção de espões internacionais, que passam a disputar o suposto Sputnik, transformando a vida de Anastácio num tremendo caos.

**Boa noite Boa sorte.** Direção George Clooney, EUA, 2004. 93 min. Ambientado nos Estados Unidos dos anos 1950, durante os primeiros dias de transmissões jornalísticas, o filme conta os conflitos reais entre o repórter televisivo Edward R. Murrow e o Senador Joseph McCarthy. Desejando esclarecer os fatos ao público, Murrow e sua dedicada equipe desafiam seus patrocinadores e a própria emissora para examinar as mentiras e as amedrontadoras táticas perpetradas pelo Senador durante sua “caça às bruxas” comunista.

**Os anos JK: uma trajetória política.** Direção Silvio Tendler, Brasil, 1980, 110 min. Documentário sobre o presidente Juscelino Kubitschek, discute a conjuntura política do país a partir do suicídio de Getúlio Vargas até o golpe de 1964 e cassação de JK.

**Rapsódia em Agosto.** Direção Akira Kurosawa, Japão/EUA, 1991, 98 min. Filme gira em torno de quatro adolescente que viajam para a cidade de Nagasaki para passar as férias com a avó, uma senhora cheia de lembranças guardadas sobre a tragédia da bomba atômica. Nesse encontro, as diferentes gerações redescobrem uma história adormecida sobre o horror da guerra para aquela cidade e povo.

**Enquanto a tristeza não vem.** Direção Marco Fialho, Brasil, 2003, 20 min. O compositor Sérgio Ricardo expõe sua visão acerca da história do Brasil de JK aos dias atuais, salientando os descaminhos da cultura brasileira a partir do golpe militar de 1964. Coragem e ousadia marcam o emocionante depoimento. <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=2677#>

**Jango.** Direção Silvio Tendler. Brasil, 1984, 117 min. O documentário retrata a carreira política de João Goulart, presidente deposto pelos militares em 1964. Apresenta a conjuntura política do Brasil da década de 1960, desde a candidatura de Jânio Quadros, passando pelo golpe militar, as manifestações da UNE e os exílios.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

**Marcha da Penicilina.** Armando Cavalcanti e Klécio Caldas, 1954.

*Ai!*

*Penicilina cura até defunto!*

*Ai!*

*Petróleo bruto faz nascer cabelo!*

*Mas ainda está pra nascer o doutor*

*Que cure a dor de cotovelo!*

*Ai, ai, ai!*

*Vem desde os tempos de Adão*

*Esta dorzinha infernal.*

*Foi comer maçã,*

*Logo que mordeu,*

*O cotovelo doeu!*

**A rosa de Hiroxima.** Vinícius de Moraes, Poesia Completa e prosa. 3ª edição. Editora Nova Aguilar, 1998. Organizado por Alexei Bueno.

*Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/49279/>

ANTÔNIO MARIA. A gripe. In *Pernoite – Crônicas*. Rio de Janeiro: Martins Fontes/FUNARTE, 1989.

*O homem cheira aos 18 volumes do Tesouro da Juventude e, embaixo da língua, o gosto da boca é de couro de relógio, com alguns meses de pulso, no verão. O nariz pesa. É como se, entre as narinas, houvesse uma argola cafuza, na qual se pendurasse um Cyma – modelo algibieira de 1923 – com as assinaturas de todos os colegas. Na cabeça, o cidadão usa uma boina de ferro e, por dentro, os pensamentos são todos para baixo: o medo da vida, medo da morte, humildade perante a mulher e os filhos, inferioridade perante os patrões e os cobradores. Na garganta, ficou um resto do*

*sanduíche de arame farpado, que o cidadão comeu às pressas, com um pouco de vidro pisado. Então, as pessoas em volta sentem na obrigação de indicar as descobertas mais importantes da ciência. Vitamina C, em injeções de Redoxon ou Cetiva Forte. Chá de limão, com três dentes de alho e uma pitada de Transpulmin. Com os braços impraticáveis, resta a humilhação de descer um pouco as calças e oferecer a região glútea a uma massagem de álcool, uma furada de Onadina e outra massagem de álcool, que desta vez, ninguém sabe por quê, escorre para as regiões mais ardosas, provocando palavrões, que variam de intensidade de acordo com a maior ou menor intimidade entre o que toma e o que aplica a injeção. Na primeira fase, a dos espirros, o cidadão ouve muito a palavra “saúde” e diz “obrigado”, “obrigado”, quando a vontade era dizer: “não chateia”. Toma-se vários comprimidos inúteis e, em cada um, acentua-se, na água, um gosto de espermacete.”*

## SITES

Sobre a Guerra Fria:

<http://www2.tvcultura.com.br/aloescola/historia/guerrafria/index.htm>

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2341-8.pdf>

Sobre a ONU:

<http://www.onu-brasil.org.br/>

Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1. As décadas que se seguiram à Segunda Guerra Mundial foram marcadas por ações voltadas à reflexão sobre a saúde e o papel do Estado. As

organizações internacionais passaram a ser fundamentais no contexto da Guerra Fria, já que concretizavam um discurso que apontava para a promoção e a realização da colaboração entre os países. Nesse sentido, a Organização das Nações Unidas (ONU) fomentou a criação do Sistema das Nações Unidas, no qual as agências especializadas se destacaram, entre elas a Organização Mundial de Saúde (OMS). No plano das Américas, a organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) se desenvolve como um escritório da OMS.

Relacione o papel da nova lógica das sociedades capitalistas no mundo do pós-guerra, voltada ao planejamento social e econômico em larga escala, à construção do Estado de Bem Estar Social e à ação das Organizações Internacionais.

2. *A Era de Ouro da Medicina* constituiu-se a partir da afirmação da teoria microbiana, das descobertas científicas eficazes contra doenças mortais, das grandes campanhas mundiais da OMS, das políticas de vacinação em massa pela imunização, entre outros exemplos. Ciência e tecnologia buscaram novos caminhos para a saúde na luta contra a doença vista como “ameaça global”. As agências norte-americanas empenharam-se nos financiamentos de capitais que pudessem impedir a atuação do bloco socialista em áreas “doentes” do planeta. Todo esse movimento foi acompanhado pela especialização do conhecimento médico e pela introdução de equipamentos tecnológicos que propiciavam novas possibilidades de diagnóstico, substituindo as formas usuais do cuidado médico. A partir desse quadro, procure perceber a construção de um novo modelo de

atenção à saúde, discutindo sua crescente centralização e hierarquização e a consequente reação de novos movimentos que buscaram democratizar o acesso ao cuidado médico.

3. As décadas de 1960 e 1970 foram especiais para a construção de um pensamento crítico em relação às políticas de saúde vigentes.

Voltou-se a atenção para a discussão da promoção da saúde, pela proteção do indivíduo e da família. Para isso, as escolas médicas foram renovadas pela reforma educacional, através da reinterpretação da noção de doença – que passou a envolver a interação de agentes naturais e sociais. Nesse contexto, cresceu o movimento de afirmação da saúde como direito social, com particular atenção para as determinações sociais da doença. Na América Latina, na valorização do papel dos sujeitos individuais e coletivos, desenvolveu-se a Medicina Social. No Brasil, esse movimento crítico desembocou na criação da Saúde Coletiva como esforço de ruptura com a tradição médica de cunho essencialmente biomédico. O novo referencial se estendeu na década seguinte, incorporado ao discurso da saúde vista como parte do processo de melhoria das condições de vida da população. Discuta os avanços e contradições das ações embaladas nessa nova perspectiva de saúde.

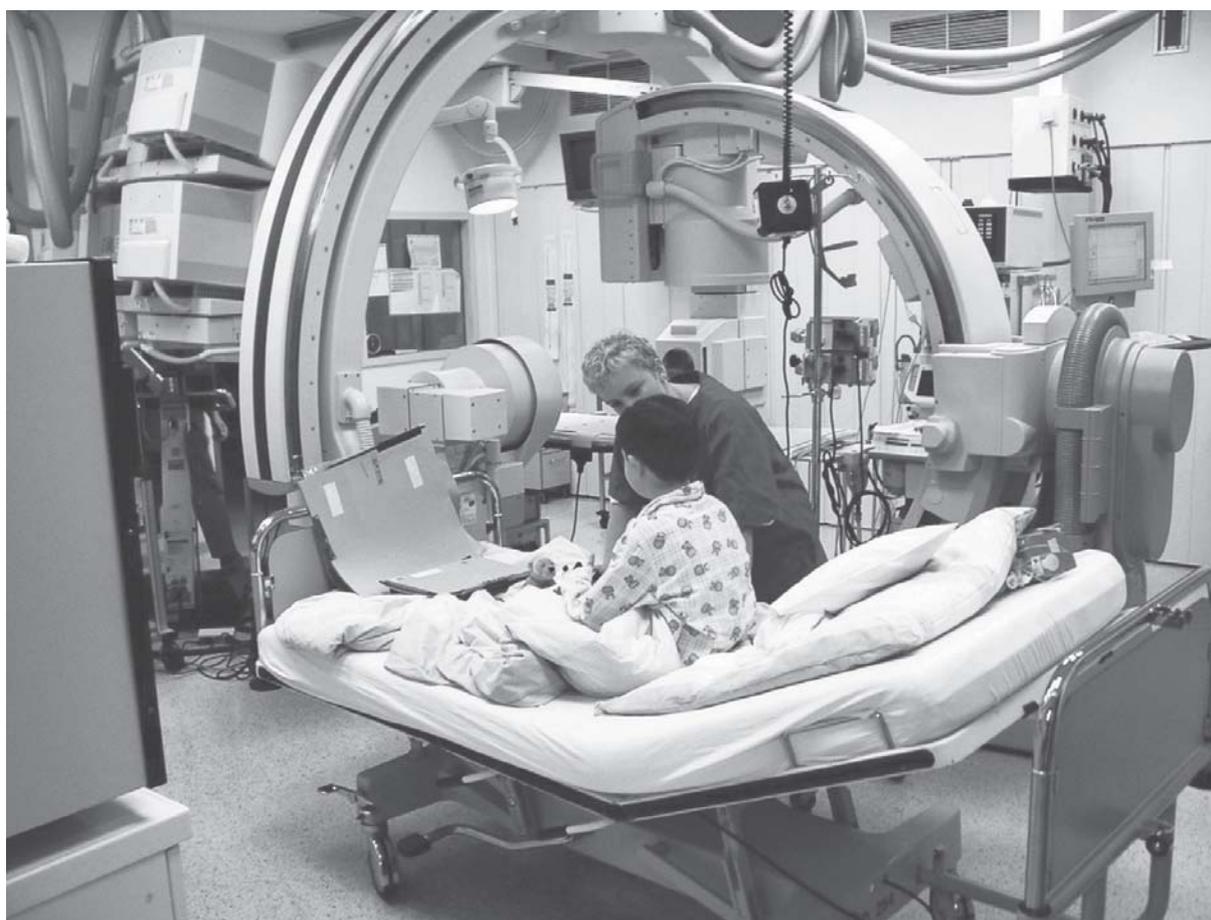
## DE OLHO NAS IMAGENS

As imagens das páginas 53 e 54 representam as novas ações na área da saúde, no mundo do pós segunda guerra mundial. Você pode identificar estas ações?



5





Política econômica e alterações nos quadros epidemiológico e sanitário do país. A saúde como mercadoria: um direito de poucos. A saúde pública agoniza. Imunização: um programa nacional. Produção nacional, autossuficiência e qualidade. A experiência do Dia Nacional de Vacinação. O processo político da proposta de controle da poliomielite. O Dia Nacional de Vacinação e seus resultados. Críticas ao modelo campanhista. Política econômica e alterações nos quadros epidemiológico e sanitário do país. A saúde como mercadoria: um direito de poucos. A saúde pública agoniza. Imunização: um

## Os anos de chumbo: a saúde sob a ditadura

Para saber mais

## LEITURAS

SCOREL, Sarah. História das políticas de Saúde no Brasil de 1964 a 1990: do golpe militar à reforma sanitária. In. GIOVANELLA, Lígia et al. (org). Políticas e sistemas de saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

SCOREL, Sarah; Nascimento, Dilene R.; EDLER, Flávio C. As origens da Reforma Sanitária e do SUS. In. LIMA, Nísia T.; GERSCHMAN, Silvia; EDLER, Flavio C. e SUÁREZ, Julio M. (org). Saúde e Democracia. História e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. O regime militar brasileiro, 1964-1985. São Paulo: Atual, 1998.

BRAVO, Maria Inês S. Política de Saúde no Brasil. In MOTA, Ana Elisabete et al. (org). Serviço social e Saúde: formação e trabalho profissional. ABEPSS/OPAS-OMS, julho de 2006. [http://www.fnepas.org.br/pdf/servico\\_social\\_saude/inicio.htm](http://www.fnepas.org.br/pdf/servico_social_saude/inicio.htm)

## FILMES

**O Ano em que meus pais saíram de férias.** Direção Cao Hamburger, Brasil, 2006, 110 min. Em 1970, o Brasil e o mundo parecem estar de cabeça para baixo, mas a maior preocupação na vida de Mauro, um garoto de 12 anos, tem pouco a ver com a ditadura militar que impera no país. Seu maior sonho é ver o Brasil tricampeão mundial de futebol. De repente, ele é separado dos pais e obrigado a se adaptar a

uma “estranha” e divertida comunidade – o Bom Retiro, bairro de São Paulo, que abriga judeus, italianos, entre outras culturas. Uma história emocionante de superação e solidariedade.

**Quarup.** Direção Ruy Guerra, Brasil, 1988, 119 min. Obra cinematográfica baseada no livro homônimo de Antônio Callado, conta a história do padre Nando, em crise de identidade diante das tentações da carne. Narra seu envolvimento político pouco antes do golpe de 1964, sua militância em defesa da causa indígena no Xingu, ao lado dos camponeses em Recife, até sua prisão e tortura, traçando um amplo painel da história política brasileira do período.

**Cabra-cega.** Direção Toni Ventura, Brasil, 2004, 107 min. Narra a história da relação entre Tiago e Rosa, dois jovens militantes da luta armada, que sonham com uma revolução social no Brasil. Tiago, comandante de um “grupo de ação” de uma organização de esquerda, depois de se ferir numa emboscada da polícia, se abriga na casa de Pedro, arquiteto simpatizante da causa revolucionária e tem em Rosa, filha de um operário comunista, seu contato com o mundo. Mas o cerco se intensifica e a situação se torna cada vez mais tensa.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

**Incidente em Antares.** Érico Veríssimo, 1971.

**Quarup.** Antonio Callado, 1967.

**Apesar de você.** Chico Buarque de Hollanda, 1970.

*Hoje você é quem manda  
Falou, tá falado  
Não tem discussão, não.  
A minha gente hoje anda  
Falando de lado e olhando pro chão  
Viu?  
Você que inventou esse Estado  
Inventou de inventar  
Toda escuridão  
Você que inventou o pecado  
Esqueceu-se de inventar o perdão  
Apesar de você  
amanhã há de ser outro dia  
Eu pergunto a você onde vai se esconder  
Da enorme euforia?  
Como vai proibir  
Quando o galo insistir em cantar?  
Água nova brotando  
E a gente se amando sem parar  
Quando chegar o momento  
Esse meu sofrimento  
Vou cobrar com juro. Juro!  
Todo esse amor reprimido,  
Esse grito contido,  
Esse samba no escuro  
Você que inventou a tristeza  
Ora tenha a fineza  
de “desinventar”  
Você vai pagar, e é dobrado,  
Cada lágrima rolada  
Nesse meu penar  
Apesar de você  
Amanhã há de ser outro dia.  
Ainda pago pra ver  
O jardim florescer*

*Qual você não queria Você vai se amargar  
Vendo o dia raiar  
Sem lhe pedir licença*

*E eu vou morrer de rir  
E esse dia há de vir  
antes do que você pensa  
Apesar de você*

*Apesar de você  
Amanhã há de ser outro dia  
Você vai ter que ver  
A manhã renascer  
E esbanjar poesia*

*Como vai se explicar  
Vendo o céu clarear, de repente,  
Impunemente?  
Como vai abafar  
Nosso coro a cantar,  
Na sua frente.  
Apesar de você*

*Apesar de você  
Amanhã há de ser outro dia.  
Você vai se dar mal, etc e tal,  
La, laiá, la laiá, la laiá??*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/7582/>

**Roda Viva.** Chico Buarque, 1967.

*Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu...  
A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega o destino prá lá ...  
Roda mundo, roda gigante  
Roda moinho, roda pião*

*O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração...  
A gente vai contra a corrente  
Até não poder resistir  
Na volta do barco é que sente  
O quanto deixou de cumprir  
Faz tempo que a gente cultiva  
A mais linda roseira que há  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a roseira prá lá...  
Roda mundo, roda gigante  
Roda moinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração...  
A roda da saia mulata  
Não quer mais rodar não senhor  
Não posso fazer serenata  
A roda de samba acabou...  
A gente toma a iniciativa  
Viola na rua a cantar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a viola prá lá...  
Roda mundo, roda gigante  
Roda moinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração...  
O samba, a viola, a roseira  
Que um dia a fogueira queimou  
Foi tudo ilusão passageira  
Que a brisa primeira levou...  
No peito a saudade cativa  
Faz força pro tempo parar  
Mas eis que chega a roda viva  
E carrega a saudade prá lá ...  
Roda mundo, roda gigante  
Roda moinho, roda pião  
O tempo rodou num instante  
Nas voltas do meu coração...*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45167/>

### **Comportamento Geral.** Gonzaguinha.

*Você deve notar que não tem mais tutu  
E dizer que não está preocupada  
Você deve lutar pela xepa da feira  
E dizer que está recompensado  
Você deve estampar sempre um ar de alegria  
E dizer “tudo tem melhorado”  
Você deve rezar pelo bem do patrão  
E esquecer que está desempregado*

*Você merece  
Você merece  
Tudo vai bem, tudo legal  
Cerveja, samba e amanhã, seu Zé  
Se acabarem em teu carnaval*

*Você deve aprender a baixar a cabeça  
E dizer sempre “muito obrigado!”  
São palavras que ainda te deixam dizer  
Por ser homem bem disciplinado  
Deve pois só fazer pelo bem da nação  
Tudo aquilo que for ordenado  
Pra ganhar um fuscão no júízo final  
E diploma de bem-comportado*

*Você merece  
Você merece  
Tudo vai bem,tudo legal  
Cerveja,samba e amanhã, seu Zé  
Se acabar em teu carnaval*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/gonzaguinha/330922/>

### **Aos nossos filhos.** Ivan lins e Vitor Martins.

*Perdoem a cara amarrada  
Perdoem a falta de abraço  
Perdoem a falta de espaço  
Os dias eram assim  
Perdoem por tantos perigos  
Perdoem a falta de abrigo*

*Perdoem a falta de amigos  
Os dias eram assim Perdoem a falta de folhas  
Perdoem a falta de ar  
Perdoem a falta de escolha  
Os dias eram assim  
E quando passarem a limpo  
E quando cortarem os laços  
E quando soltarem os cintos  
Façam a festa por mim  
Quando lavarem a mágoa  
Quando lavarem a alma  
Quando lavarem a água  
Lavem os olhos por mim  
Quando brotarem as flores  
Quando crescerem as matas  
Quando colherem os frutos  
Digam o gosto pra mim*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/ivan-lins/46429/>

**O Ronco da Cuíca.** Aldir Blanc e João Bosco, 1976.

*Roncou, roncou  
Roncou de raiva a cuíca  
Roncou de fome  
Alguém mandou  
Mandou parar a cuíca  
É coisa dos “home”...(2x)  
A raiva dá prá parar  
Prá interromper  
A fome não dá  
Prá interromper  
A fome e a raiva  
É coisa dos “home”  
A fome tem que ter raiva  
Prá interromper  
A raiva é a fome  
De interromper  
A fome e a raiva*

*É coisa dos “home”  
É coisa dos “home”  
É coisa dos “home”  
A raiva e a fome  
Mexendo a cuíca  
Vai ter que roncar...  
Roncou, roncou  
Roncou de raiva a cuíca  
Roncou de fome  
Alguém mandou  
Mandou parar a cuíca  
É coisa dos “home”...(2x)  
A raiva dá prá parar  
Prá interromper  
A fome não dá  
Prá interromper  
A fome e a raiva  
É coisa dos “home”  
A fome tem que ter raiva  
Prá interromper  
A raiva é a fome  
De interromper  
A fome e a raiva  
É coisa dos “home”  
É coisa dos “home”  
É coisa dos “home”  
A raiva e a fome  
Mexendo a cuíca  
Vai ter que roncar...  
Roncou, roncou  
Roncou de raiva a cuíca  
Roncou de fome  
Alguém mandou  
Mandou parar a cuíca  
É coisa dos “home”...*

Para ouvir: [http://www.youtube.com/watch?v=6Pws7LEyghA&feature=player\\_embedded#](http://www.youtube.com/watch?v=6Pws7LEyghA&feature=player_embedded#)  
ou <http://letras.terra.com.br/ceu/504440/>

## SITES

Histórias do Poder:

<http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/historiasdopoder/>

Movimento Tortura Nunca Mais:

<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/>

Centro de Documentação Eremias Delizoicov -  
Comissão de Familiares dos Mortos e  
Desaparecidos Políticos:

<http://www.desaparecidospoliticos.org.br/>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1) Logias e analogias

No Brasil a medicina vai bem

Mas o doente vai mal

Qual o segredo profundo

Desta ciência original?

É banal: certamente

Não é o paciente

Que acumula capital

A poesia acima, escrita em 1974 por Antonio Carlos de Brito, conhecido como Cacaso, satiriza a situação da saúde no Brasil – medicina que vai bem e doente que vai mal – durante o período de vigência do regime militar, insinuando que o segredo dessa aparente contradição é a apropriação mercantil da saúde. De acordo com o que você leu no capítulo 6, é possível concordar com a crítica do poeta? Justifique a sua resposta.

## DE OLHO NAS IMAGENS

Estabeleça a relação que existe entre as duas imagens selecionadas abaixo e o título do texto “Saúde como mercadoria: um direito de poucos”.

6



Observe o cartaz de propaganda que retrata o personagem Zé Gotinha e analise os elementos simbólicos presentes na imagem que visavam

convencer a população sobre a importância da vacinação.

# VACINE

SEU FILHO É ZÉ GOTINHA:  
AMIZADE PRA TODA A VIDA

VACINAS	IDADE	ESQUEMA DE VACINAÇÃO		
		1ª DOSE	2ª DOSE	3ª DOSE
BCG Contra tuberculose	AO NASCER	1ª DOSE	2ª DOSE	
TRÍFICE Protege contra as doenças difteria, tétano e coqueluche	A PARTIR DE 2 MESES	1ª DOSE	2ª DOSE	3ª DOSE REFORÇO
DOIS Contra Polio A partir de 2 meses	A PARTIR DE 2 MESES	1ª DOSE	2ª DOSE	3ª DOSE REFORÇO
CONTRA SARAMPO Protege contra o sarampo	A PARTIR DE 9 MESES	1ª DOSE	2ª DOSE	
CONTRA HEPTITE B	AO NASCER	1ª DOSE	2ª DOSE	3ª DOSE

NÃO ESQUEÇA DE LEVAR  
A CARTERINHA DE VACINAÇÃO  
OU CARTÃO DA CRIANÇA

O cartaz apresenta o personagem Zé Gotinha, uma gota de água antropomórfica sorridente, abraçando uma criança. Ao redor dele, outras crianças brincam em um campo aberto com um cachorro e um gato. No topo, o título 'VACINE' é exibido em grandes letras, seguido pelo subtítulo 'SEU FILHO É ZÉ GOTINHA: AMIZADE PRA TODA A VIDA'. Abaixo, uma tabela detalha o 'ESQUEMA BÁSICO DE VACINAÇÃO' com colunas para 'VACINAS', 'IDADE' e 'ESQUEMA DE VACINAÇÃO' (1ª, 2ª e 3ª doses). À direita da tabela, um texto lembra a importância de levar a carteira de vacinação ou o cartão da criança. Na base do cartaz, há logotipos de instituições parceiras.



Para saber mais

## LEITURAS

EMIR Sader. *A transição no Brasil*. São Paulo: Atual, 1990.

FONTES, Virgínia e MENDONÇA, Sonia Regina. *História do Brasil Recente - 1964-1922*. São Paulo: Ática, 2004.

LINHARES, Maria Yeda (Org.). *História Geral do Brasil*. 9 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

MATOS, Marcelo Badaró. *O sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

NAPOLITANO, Marco. *O regime militar brasileiro - 1964-1985*. São Paulo: Ática, 2004.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: O grito preso na garganta*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SANTANA, Marco Aurélio Santana. *De braços cruzados: desafiando os patrões e a ditadura, milhares de operários entraram em greve e deram nova cara ao sindicalismo brasileiro*. Revista da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: BN, ano 4 n° 38, novembro de 2008. P. 57-61.

## FILMES

**Três irmãos de sangue**. Direção Ângela Patrícia Reiniger. Brasil, 2007, 102 min. O documentário apresenta a vida de Betinho, Henfil e Chico Mário e como suas ações se misturam com a história política, social e cultural do Brasil na segunda metade do século XX. Eles

contribuíram, cada um a sua maneira, para as principais transformações pelas quais passou a sociedade brasileira nesse período.

**Patriamada**. Direção Tizuka Yamasaki. Brasil, 1984, 103 min. Um jornalista e seus companheiros auscultam a realidade de um Brasil lançado em cheio na campanha pelas eleições presidenciais diretas. No torvelinho da campanha, histórias de vidas misturam-se ao movimento político do país, até a derrota da emenda constitucional.

**Cartas da Mãe**. Direção Fernando Kinas e Marina Willer. Brasil, 2003, 28 min. O documentário é uma crônica sobre o Brasil dos últimos 30 anos contada através das cartas que o cartunista Henfil (1944/1988) escreveu para sua mãe, Dona Maria. Estas cartas, publicadas em livros e jornais, são lidas pelo ator e diretor Antônio Abujamra enquanto desfilam imagens do Brasil contemporâneo. Política, cultura, amigos e amor são alguns dos temas que elas evocam, criando um diálogo entre o passado recente do Brasil e nossa situação atual. <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=1554>

**Eles não usam black-tie**. Direção Leon Hirszman. Brasil, 1981, 134 min. Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião e sua namorada Maria decidem casar-se ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e

temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que havia passado três anos na cadeia durante o regime militar.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

João do Amor Divino. Gonzaguinha, 1979.

*39 anos de batalha, sem descanso, na vida  
19 anos, trapos juntos, com a mesma rapariga  
09 bocas de criança para encher de comida  
Mais de mil pingentes na família para dar guarita  
Muita noite sem dormir na fila do INPS*

*Muita xepa sobre a mesa, coisa que já não estarrece  
Todo dia um palhaço dizendo  
que Deus dos pobres nunca esquece  
E um bilhete, mal escrito,  
Que causou um certo interesse*

*“É que meu nome é  
João do Amor Divino de Santana e Jesus  
Já entreguei, num güento mais,  
O peso dessa minha cruz”  
Sentado lá no alto do edifício  
Ele lembrou do seu menor,  
Chorou e, mesmo assim, achou que  
O suicídio ainda era melhor*

*E o povo lá embaixo olhando o seu relógio  
Exigia e cobrava a sua decisão*

*Saltou sem se benzer  
por entre aplausos e emoção  
Desceu os 7 andares num silêncio  
de quem já morreu  
Bateu no calçadão e de repente  
Ele se mexeu*

*Sorriu e o aplauso em volta muito mais cresceu  
João se levantou e recolheu a grana  
Que a platéia deu*

*Agora rida multidão executiva quando grita:  
“Pula e morre, seu otário”  
Pois como tantos outros brasileiros,  
É profissional de suicídio  
E defende muito bem o seu salário*

Para ouvir: <http://www.gonzaguinha.com.br/disc08.html>

**Pelas Tabelas.** Composição: Chico Buarque, 1984

*Ando com minha cabeça já pelas tabelas  
Claro que ninguém se importa com minha aflição  
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela  
Eu achei que era ela puxando o cordão*

*Oito horas e danço de blusa amarela  
Minha cabeça talvez faça as pazes assim  
Quando ouvi a cidade de noite batendo as panelas  
Eu pensei que era ela voltando pra mim*

*Minha cabeça de noite batendo panelas  
Provavelmente não deixa a cidade dormir  
Quando vi um bocado de gente  
Descendo as favelas*

*Eu achei que era o povo que vinha pedir  
A cabeça de um homem que olhava as favelas  
Minha cabeça rolando no maracanã*

*Quando vi a galera aplaudindo de pé as tabelas  
Eu jurei que era ela que vinha chegando  
Com minha cabeça já pelas tabelas  
Claro que ninguém se importa com minha aflição  
Quando vi todo mundo na rua de blusa amarela  
Eu achei que era ela puxando o cordão*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45161/>

Ou: <http://letras.terra.com.br/roberta-sa/375426/>

**O Bêbado e a equilibrista.** Aldir Blanc e João Bosco, 1979.

*Caía a tarde feito um viaduto  
E um bêbado trajando luto  
Me lembrou Carlitos...  
A lua  
Tal qual a dona do bordel  
Pedia a cada estrela fria  
Um brilho de aluguel  
E nuvens!  
Lá no mata-borrão do céu  
Chupavam manchas torturadas  
Que sufoco!  
Louco!  
O bêbado com chapéu-coco  
Fazia irreverências mil  
Prá noite do Brasil.  
Meu Brasil!...  
Que sonha com a volta  
Do irmão do Henfil.  
Com tanta gente que partiu  
Num rabo de foguete  
Chora!  
A nossa Pátria  
Mãe gentil  
Choram Marias  
E Clarisses  
No solo do Brasil...  
Mas sei, que uma dor  
Assim pungente  
Não há de ser inutilmente  
A esperança...  
Dança na corda bamba  
De sombrinha  
E em cada passo  
Dessa linha  
Pode se machucar...  
Azar!  
A esperança equilibrista*

*Sabe que o show  
De todo artista  
Tem que continuar.*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/elis-regina/45679/>

**Desesperar Jamais.** Ivan Lins / Vitor Martins, 1984.

*Desesperar jamais  
Aprendemos muito nesses anos  
Afinal de contas não tem cabimento  
Entregar o jogo no primeiro tempo  
Nada de correr da raia  
Nada de morrer na praia  
Nada! Nada!  
Nada de esquecer  
No balanço de perdas e danos  
Já tivemos muitos desenganos  
Já tivemos muito que chorar  
Mas agora, acho que chegou a hora  
De fazer valer o dito popular  
Desesperar jamais  
Cutucou por baixo, o de cima cai  
Desesperar jamais  
Cutucou com jeito, não levanta mais*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/ivan-lins/258963/>

**A Marcha do Povo Doido.** Gonzaguinha, 1980.

*Esta é a macha do Povo Doido seguindo exemplo do samba do “Crioulo Doido” feito por Stanislau Ponte Preta. Lá o crioulo ficou doido por ter que fazer o seu samba enredo com todos os personagens da História do Brasil. Aqui quem está doido é o povo que parece ser o grande culpado pela crise de energia, pela carestia, pela polícia e pelo mistério de uma coisa chamada anistia que se você não sabe, não permitiu*

*ao anistiado ser reintegrado ao seu trabalho a não ser que passasse censura de modo que não atrapalhasse uma coisa chamada abertura.*

*Confesso Matei a dama de teffê E muitos mais se “ocê” quiser Eu sou qualquer José Mané Dos Santos, da Silva. Da vida*

*Confesso*

*A culpa pela carestia E pela crise de energia Eu sou o dono da OPEP Ou da pepsi, ou pop, ou coca*

*Confesso (não precisa bater) E confessar me alivia Vem meu bem, me condena Com aquela anistia Me manda logo pra cadeia*

*Garanta*

*Um pouco a minha poupança Pois, pelo menos estando em cana, A minha pança Ai ter um pouco de aveia Ou feijão com areia*

Para ouvir: <http://www.gonzaguinha.com.br/disc09.html>

SILVEIRA, Ênio. Os Arautos da Mentira (publicado originalmente Encontros com a Civilização Brasileira nº 7, janeiro de 1979) in FELIX, Moacyr (org). Ênio Silveira: Arquiteto de Liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, pp 113-117.

*O Brasil é tão grande, tão cheio de problemas sociais que, de qualquer ângulo de visão em que nos coloquemos, será fácil comprovar a coexistência de vários “países”, superpostos ou enfileirados, cobrindo a extensa gama que retrocede do superdesenvolvimento econômico aos mais primitivos estágios de vida humana e trazendo consigo, evidentemente, as mais variadas formas de consciência e comportamento políticos.*

*Essa multiplicidade, que a um só tempo é tremendo entrave ao progresso e, paradoxalmente, constitui poderoso estímulo à procura de caminhos flexíveis –*

*ou múltiplos – que nos conduzam ao desenvolvimento justo e harmônico da nação brasileira, parece não existir para alguns setores de atividade social, particularmente aqueles que se dedicam a criar ou vender imagens de ordem e progresso e, através delas, condicionar atitudes políticas, formar hábitos de consumo, equalizando frustrações e contendo anseios e revoltas populares dentro de limites toleráveis.*

*Para eles, cujo simplismo maniqueísta é a sua razão de vida, há apenas dois brasis, “aquele que já podemos mostrar” e “aquele que ainda devemos esconder”. Toda a complexa engrenagem publicitária em operação no País, seja pública ou privada, esteja voltada para campanhas de natureza institucional ou dedicada a objetivos diretamente comerciais, parte dessa premissa.*

*“O Brasil que já podemos mostrar” é aquele que tem ares de gente rica, que de ano para ano compra mais eletrodomésticos, mais automóveis, levando o general Geisel, com sua ingenuidade pequeno-burguesa, a embarcar-se com tão grande distribuição de potencial econômico. É aquele que se alimenta bem, toma banho duas vezes ao dia, usa desodorantes e xampus, apresenta aspecto sadio e esportivo nos comerciais de cigarros, sabe escovar os dentes... É aquele que aparece deslumbrante, adorável e sem mácula, nas picaretagens multicoloridas dos Bloch e amarais Netto da vida. É aquele, em suma, que “já está preparando para a democracia”, como acreditam os benefactores de la Pátria que há 15 anos nos tutelam.*

*Para esse Brasil tudo pode, tudo deve ser feito, pois é ele que produz, é ele que desenvolve o país, é ele que promove nossa participação (ainda que minoritária) nas dinâmicas configurações multinacionais do capitalismo contemporâneo. O “outro” Brasil, “o que ainda devemos esconder”,*

*o que produz pouco e consome ainda menos, tem de compreender isso, tem de sacrificar-se em muito trabalho e pequeno ganho, para que, como ensinam os modernos enciclopedistas Mário Henrique Simonsen, Reis Velloso, Delfim Netto e Shigeaki Ueki, a Nação primeiro amealhe riqueza para depois promover sua justa distribuição.*

*O general João Baptista Figueiredo, o novo benefactor que o regime emanado do golpe de 64 nos impõe, já não nos permite supor e temer, a esta altura, que seu governo não venha a ter condições para discrepar dos anteriores e se manterá prioritariamente voltado para exteriorização de progresso, essa ostentação de riqueza setorial que lembra a dos marajás da antiga Índia colônia, ou a dos príncipes e emires de algumas potências petrolíferas de nossos dias, ilhas de fortuna e bem-estar num oceano de miséria.*

*Seu estilo franco de falar, sua “grossura” às vezes engraçada, seu informalismo de atitudes levaram muitas pessoas – entre as quais me incluo – a admitir que ele poderia, enfim, cruzar o círculo de giz em que viram encerrados desde 1964 todos os chefes do executivo, romper o muro de preconceitos edificadas pela chamada “Revolução Democrática” e, governando em sintonia com as justas aspirações do povo brasileiro (60 por cento dos quais se acham integrados no outro Brasil, naquele que ainda devemos esconder...), evidenciadas pelas últimas eleições, iniciar uma fase de progressiva institucionalização democrática, voltando-se antes para a base do que para a cúpula da pirâmide social.*

*Seja porque tenha na realidade menos independência e força do que necessidade para cumprir a mudança de regime que prometeu, seja porque, afinal, tenha que comportar-se como mais um aparatchik, isto é, mero instrumento do esquema que efetivamente exerce o poder desde o*

*golpe de abril, o fato é que nosso futuro presidente, tendo disposto sempre do eficiente órgão de pesquisa que é o SNI e podendo valer-se, nos quatro meses que se colocam entre as eleições de novembro e sua posse, de uma interpretação realista e isenta do pleito, parece ter preferido acreditar nos arautos da mentira, nos “comunicadores sociais” a serviço do governo ou da ARENA, que, de tanto veicularem interpretações tendenciosas e douradas falsificações, acabaram por conseguir credibilidade perante seus próprios mentores...*

*Por isso, por acreditar nos “assessores de comunicação social” a serviço do governo, o general Figueiredo parece ter-se convencido de que a ARENA mereceu de fato a preferência do eleitorado e de que tal vitória equivale a indiscutível aval às ações e atitudes dos governos chamados “revolucionários”. A escolha dos ministros que irão compor seu gabinete é, no que se refere algumas pastas de fundamental importância, um refogado dos gabinetes Médici-Geisel. Homens notoriamente a serviço dos interesses e das “prerrogativas” desse Brasil “que já se pode mostrar”, desse Brasil “civilizado e desenvolvido” que é “parceiro” de jogadas financeiras transnacionais, os ministros do primeiro gabinete Figueiredo não lhe darão ensejo de manter e construtivo diálogo com o outro Brasil, explorado e sofrido. Os arautos da mentira levaram o general a perder contato com a realidade, para governar – pois não governará na prática quem tiver como assessores os prepostos dos grandes grupos multinacionais.*

*Mas não é de hoje que os reis ficam nus, sem que lhes digam a verdade. Salazar e Franco não tinham a menor idéia de que o piccolo mondo de seus sonhos iria para o inferno juntamente com suas inglórias carcaças. Adolf Hitler, até o melancólico final – em apenas doze – de seu “Reich de Mil Anos”, acreditava nos relatórios cuidadosamente*

*preparados – eram os fransinopses daquele tempo – que lhe chegavam às mãos, e nos boletins radiofônicos destinados à propaganda.*

*Tenho bem presente na memória o Götterdämmerung, hitlerista porque acabei de devorar um livro muito revelador: Diário – última anotações, 1945, de Joseph Goebbels, publicado pela Editora Nova Fronteira, em boa tradução de Lya Luft. Antifascista convicto que sou, desde que me conheço por gente, tenho o hábito e o gosto de ler quase tudo o que de interessante se publique, aqui ou no exterior, sobre o fascismo, suas origens e suas variantes. Dessa bibliografia cada vez mais extensa e substancial possuo não poucos livros, muito úteis e curiosos alguns, aos quais volta e meia recorro para documentar-me. Ao lado de obras essenciais como Ascensão e Queda do III Reich, de William S. Shirer, The Brutal Friendship (Hitler-Mussolini), de F. W. Deakin, Hitler, de Joaquim Fest, Inside the Third Reich, de Albert Speer, essas memórias finais do ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, superarauto da mentira ideológica e factual, do ódio racial e da antidemocracia, constituem acréscimo importante.*

*Nelas se verificará, em inúmeras passagens, que a onda de mentiras ou de meias-verdades veiculadas pela máquina de propaganda alemã acabou por envolver seus próprios autores, num dramático feedback que dificultou a Hitler e a seus colaboradores mais imediatos a completa percepção, em tempo hábil, de que o colapso militar, econômico e político do Reich seria inevitável. Milhares e milhares de vidas humanas se perderam por causa disso, além da destruição de riquíssimo patrimônio cultural e artístico nas metrópoles alemãs e em toda a Europa conflagrada.*

*O abuso da força, em qualquer época da história da humanidade, teve sempre a seu lado a cumplicidade da mentira. O testamento político de Adolf Hitler,*

*escrito em 29 de abril de 1945, quarenta e poucas horas antes de suicidar-se no bunker berlinense que as tropas soviéticas estavam conquistando palmo a palmo, nos demonstra que permanecia dominado pelas falsidades que ele e sua camarilha usaram como ponto de apoio: ...“Não é verdade que eu, ou qualquer outra pessoa na Alemanha, tenha desejado a guerra de 1939. Ela foi desejada e provocada tão-só por aqueles estadistas internacionais que ou eram de origem judia, ou trabalhavam em prol de interesses judeus”... “Os séculos passarão: dos escombros de nossas cidades e monumentos artísticos, porém, renovar-se-á incessantemente o ódio ao povo que em última instância é o culpado de tudo: os judeus internacionais e seus colaboradores!” Voltemos ao Brasil, no entanto, que Hitler, Goebbels e quase toda a gang já viraram pó, ao passo que os nossos problemas, aqui, são terrivelmente pesados. Hitler e os arautos da mentira nazista puseram a culpa de tudo nos “judeus internacionais”. Os porta-vozes do regime que temos no poder desde 1964 repetem monotonamente que a culpa de nossos infortúnios deve ser atribuída aos “comunistas”, segundo as lições recebidas de seus mestres norte-americanos do Pentágono.*

*E “comunistas” ou “filo-comunistas”, aqui, continuarão sendo todos os que lutam agora – como já lutavam antes de 1964, dentro ou fora de partidos –, por uma vida melhor, mais justa e mais digna para o nosso povo.*

*Não podemos aceitar, calados, que o inevitável colapso de um esquema monetarista, tecnocrático, contrário aos legítimos interesses da Nação, seja atribuído precisamente àqueles que buscam o fortalecimento de instituições democráticas capazes de dar ao povo brasileiro a independência econômica e a soberania política de que tanto necessita para a sua segurança e seu desenvolvimento.*

## SITES

NPC:

<http://www.piratininga.org.br/>

Perseu Abramo:

<http://www.fpabramo.org.br/>

Tortura nunca mais:

<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1) Ao longo dos anos 70, pudemos assistir no Brasil o fortalecimento da organização coletiva da chamada sociedade civil, na luta contra a ditadura militar. Nesse contexto, o final da década em todo o país foi marcado pela luta dos trabalhadores, organizados em seus sindicatos, que promoveram diversos movimentos grevistas. Sendo assim, podemos analisar este momento político por intermédio de diversos processos de mobilização e luta. Vamos tentar?

2) A partir de 1979, o governo Figueiredo deu continuidade à chamada “transição controlada”, iniciada no governo do General Geisel. A força da mobilização da sociedade civil empurrou a ditadura a adotar medidas concretas no chamado período de abertura, revelando cada vez mais as contradições do regime. O fim do bipartidarismo e a Lei de Anistia são alguns exemplos. O que veremos a seguir será a grande mobilização popular em torno da luta pelo retorno ao voto direto para presidente da República. Elabore uma síntese desse movimento.

## DE OLHO NAS IMAGENS

As imagens abaixo, retratam o movimento sindical em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980. Através delas podemos perceber a amplitude da luta dos trabalhadores que se somaram à luta pela abertura política do país. O que você pensa disso?





8

**A Constituinte e o Sistema Único de Saúde**

Saúde como direito de todos e dever do Estado. Princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. Princípios do SUS. Universalidade. Equidade. Integralidade. Diretrizes do SUS. Descentralização. Regionalização e hierarquização. Participação da comunidade. A reorganização da Atenção Básica no Brasil. Saúde como direito de todos e dever do Estado. Princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. Princípios do SUS. Universalidade. Equidade. Integralidade. Diretrizes do SUS. Descentralização. Regionalização e hierarquização. Participação da comunidade. A reorganização da Atenção Básica no Brasil. Saúde como direito de todos e dever do Estado. Princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde. Princípios

Para saber mais

## LEITURAS

Constituição cidadã completa 20 anos – conquistas em saúde, educação e seguridade social. Revista POLI: saúde, educação e trabalho. Rio de Janeiro: EPSJV-Fiocruz, Ano I - nº 01, set./out. 2008.

<http://www.epsjv.fiocruz.br/upload/EdicoesRevistaPoli/R1.pdf>

FALEIROS, Vicente de Paula; SILVA, Jacinta de Fátima Senna da; VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de; SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. A construção do SUS: histórias da Reforma Sanitária e do Processo Participativo, Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

[http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/construcao\\_do\\_SUS.pdf](http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/construcao_do_SUS.pdf)

HEIMAN, Luiza Serman e MENDONÇA, Maria Helena. A Trajetória da atenção básica em Saúde e do programa de Saúde da Família no SUS: uma busca de identidade. In. LIMA, Nísia T.; GERSCHMAN, Silvia; EDLER, Flavio C. e SUÁREZ, Julio M. (org). Saúde e Democracia. História e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MATTA, Gustavo Corrêa e PONTES, Ana Lúcia de Moura. Políticas de saúde: organização e operacionalização do sistema único de Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&MNU=&Tipo=8&Num=25>

MOROSINI, Márcia Valéria G.C. e CORBO, Anamaria D. Andréa. Modelos de atenção e a saúde da família. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. <http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&MNU=&Tipo=8&Num=26>

PAIM, Jairnilson Silva. O que é o SUS? Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

RONCALLI, Ângelo Giuseppe. O desenvolvimento das Políticas Públicas de Saúde no Brasil e a construção do Sistema Único de Saúde. In. Antonio Carlos Pereira (Org.). Odontologia em Saúde Coletiva: planejando ações e promovendo saúde. Porto Alegre: ARTMED, 2003. Cap. 2, p. 28- 49. [http://www.professores.uff.br/jorge/desenv\\_pol\\_pub\\_saude\\_brasil.pdf](http://www.professores.uff.br/jorge/desenv_pol_pub_saude_brasil.pdf)

Saúde, direito de todos e dever do Estado. Radis – Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro: ENSP-Fiocruz, nº 72, agosto de 2008. [http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/72/pdf/radis\\_72.pdf](http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/72/pdf/radis_72.pdf)

## FILMES

**Políticas de Saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde.** Direção Renato Tapajós, 2006, 60 min. Ministério da Saúde/ Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS/ Universidade Federal Fluminense-UFF. [http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar\\_texto?idtxt=26232](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto?idtxt=26232) <http://video.google.com/videoplay?docid=5787222578615549628#>

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

O pulso. Arnaldo Antunes, 1989.

*O pulso ainda pulsa  
O pulso ainda pulsa...  
Peste bubônica  
Câncer, pneumonia  
Raiva, rubéola  
Tuberculose e anemia  
Rancor, cisticirrose  
Caxumba, difteria  
Encefalite, faringite  
Gripe e leucemia...  
E o pulso ainda pulsa  
E o pulso ainda pulsa  
Hepatite, escarlatina  
Estupidez, paralisia  
Toxoplasmose, sarampo  
Esquizofrenia  
Úlcera, trombose  
Coqueluche, hipocondria  
Sífilis, ciúmes  
Asma, cleptomania...  
E o corpo ainda é pouco  
E o corpo ainda é pouco  
Assim...  
Reumatismo, raquitismo  
Cistite, disritmia  
Hérnia, pediculose  
Tétano, hipocrisia  
Brucelose, febre tifóide  
Arteriosclerose, miopia  
Catapora, culpa, cárie  
Câimba, lepra, afasia...  
O pulso ainda pulsa  
E o corpo ainda é pouco  
Ainda pulsa  
Ainda é pouco  
Assim...*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/arnaldo-antunes/1114673/>

**Benzetacil.** João Bosco e Francisco Bosco, 2003.

*Tem dor de dente, dor-de-cotovelo  
Tem dor em tudo que é lugar  
Dor de barriga, asia, queimação  
Tem a dor-de-facão  
Mais conhecida por “de veado”  
Calo, nó, tostão ou dor muscular  
E bico-de-papagaio  
Dor de cabeça, sinusite, febre  
Cólica, enxaqueca, mas vai melhorar, porque  
Pra toda dor existe um bom remédio  
Toma, deita, espera, tenta esquecer  
Mas na verdade tenho que dizer  
Tem uma dor tão vil  
Que dói só de pensar  
Você não sabe amigo o que é levar  
Um Benzetacil naquele lugar  
Ai, ai, ai... Esparadrapo, calminex, gelo  
Boldo, sal de frutas, cafuné de mãe, não tem  
Nenhum remédio pra essa dor maldita  
Vira, abaixa as calça, entrega a Deus e amém*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/joao-bosco/151866/>

## SITES

Saúde. Ministério da Saúde. Sobre o SUS: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/default.cfm>

Centro Cultural da Saúde – Ministério da Saúde:  
<http://www.ccs.saude.gov.br/>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1) A definição de “Saúde como direito de todos e dever do Estado”, presente no artigo 196 da Constituição Brasileira de 1988, significou um avanço muito grande no reconhecimento do direito universal à saúde, superando tanto a compreensão desta como um serviço ao qual se tem acesso por intermédio de alguma forma de contribuição ou pagamento, quanto a histórica cisão estrutural entre saúde pública e medicina curativa individual vigente no Brasil. No entanto, diante das pressões dos prestadores de serviços privados de saúde, a proposta de “mudar as bases jurídico-legais dos contratos público-privados” não se traduziu integralmente no texto constitucional e o artigo 199 acabou, no entendimento da pesquisadora Ligia Bahia, consagrando uma *solução negociada* com o setor privado. Sendo assim, caracterize o processo histórico que resultou no reconhecimento da saúde como um direito de todos e dever do Estado, observando tanto seus avanços na perspectiva de um acesso universal quanto os limites à sua plena consolidação como um bem público não-mercantil.

2) O movimento de reforma sanitária que desaguou na implantação do SUS fazia parte de um processo amplo de luta pela democratização da vida social e política brasileira vigentes nos anos 1970 e 1980. Sendo assim, os princípios e diretrizes definidos no SUS devem ser compreendidos nos quadros dessa perspectiva mais geral, democratizante e participativa, que de certa forma ultrapassava a lógica de uma reforma estritamente setorial e avançava na luta por uma sociedade mais igualitária e socialmente justa. Com o objetivo de sistematizar sua leitura, identifique

sinteticamente os princípios e diretrizes definidos pelo SUS, procurando observar como eles se articulam, por um lado, com a perspectiva de democratizar o setor específico da saúde e, por outro, com os objetivos mais amplos voltados à transformação da sociedade brasileira.

3) “A atenção básica deve ter uma alta capacidade de resolução dos problemas da população, porém é insuficiente para responder ao cuidado integral das necessidades de saúde”. A frase acima, retirada do artigo *A reorganização da atenção básica no Brasil*, expressa a um só tempo a importância e os limites da *atenção básica* como modelo de reorganização do sistema de saúde, que atenda os objetivos de garantir a universalidade, a integralidade e a equidade propostas pelo SUS e, assim, cumpra sua função maior de prover as necessidades de saúde da população. Em relação a esse processo: a) discorra sobre as estratégias empregadas para a reorganização da *atenção básica*; b) identifique as dificuldades e os desafios que se fazem presentes; c) caracterize o papel dos agentes comunitários de saúde (ACS); d) faça um comentário sobre as críticas e contradições do modelo.

## DE OLHO NAS IMAGENS

Observe as imagens na página seguinte e identifique os aspectos que podem ser apontados como decisivos para o êxito da Estratégia Saúde da Família (ESF).

Cantos, contos e imagens: puxando mais uns fios nessa história





# A política nacional de saúde nos anos 1990 e 2000: na contramão da história?

Desmontagem da seguridade social e recomposição das relações público-privadas de atenção à saúde. Anos 1990: neoliberalismo de terceira via na reforma do Estado e na reforma setorial da saúde. Embates e resistências no campo da saúde pública ao longo dos anos 1990. Anos 2000: aprofundamento da relação público-privada na política nacional de saúde. Desmontagem da seguridade social e recomposição das relações público-privadas de atenção à saúde. Anos 1990: neoliberalismo de terceira via na reforma do Estado e na reforma setorial da saúde. Embates e resistências no campo da saúde pública ao longo dos anos 1990. Anos 2000: aprofundamento da relação público-

Para saber mais

## LEITURAS

BAHIA, Ligia. A *Démarche* do Privado e Público no Sistema de Atenção à Saúde no Brasil em Tempos de Democracia e Ajuste Fiscal, 1988-2008. In LIMA, Júlio César França. e MATTA, Gustavo Corrêa (org.). Estado, sociedade e formação profissional em saúde: contradições e desafios em 20 anos de SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/EPJSV, 2008. p 123-185.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. A Saúde Pública e a Defesa da Vida. Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1994.

CAMPOS, Wagner de Sousa e MINAYO, Maria Cecília de Souza. Tratado de Saúde Coletiva. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

COHN, Amélia. Saúde no Brasil – políticas e organização de serviços. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. O SUS e o Direito à Saúde: universalização e focalização nas políticas de saúde. In LIMA, Nísia Trindade (org.). Saúde e Democracia – história e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p 385-405.

LIMA, Júlio César França e MATTA, Gustavo Corrêa (org.). Estado, Sociedade e Formação Profissional em Saúde: contradições e desafios em vinte anos de SUS. Rio de Janeiro: EPSJV/ Fiocruz, 2008.

<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&Tipo=8&Num=95>

LIMA, Júlio César França. Neoliberalismo e educação profissional em saúde. Trabalho

necessário. Ano 5, nº 5, 2007.

<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN5%20LIMA,%20J.C.F..pdf>

\_\_\_\_\_. Política de saúde e formação profissional dos trabalhadores técnicos de enfermagem. Tese (Doutorado, Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana) – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

Radis entrevista - Sérgio Arouca: o eterno guru da reforma sanitária. Radis. Comunicação em Saúde. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, nº 3, outubro de 2002.

[http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/pdf/radis\\_03.pdf](http://www4.ensp.fiocruz.br/radis/pdf/radis_03.pdf)

RETKA, Nilvo, CENTENARO, Andréia e outros. História. A saúde no Brasil a partir da década de 80: retrospectiva histórica e conjuntura atual. In. Seminário Estado e Políticas Sociais no Brasil. Cascavel, Paraná, 2003.

<http://cac-php.unioeste.br/projetos/gpps/midia/seminario1/trabalhos/Saude/eixo1/42NilvoRetka>

## FILMES

**Saneamento Básico, o filme.** Direção Jorge Furtado. Brasil, 2007, 112 min. A comunidade da Linha Cristal, uma pequena vila de descendentes de colonos italianos na serra gaúcha, reúne-se para tomar providências sobre a construção de uma fossa para o tratamento do esgoto. Uma comissão é escolhida para pleitear a obra junto à subprefeitura. Após ouvir a reivindicação, a secretária da prefeitura

reconhece a legitimidade da solicitação, mas afirma que não dispõe de verbas para obras de saneamento básico até o final do ano. No entanto, a prefeitura tem quase dez mil em verbas para a produção de um vídeo. A verba veio do governo federal e, se não for gasta, terá que ser devolvida. A comunidade decide então fazer um vídeo sobre a obra.

**Invasões Bárbaras.** Direção Denis Arcand. Canadá, 2003, 99 min. Um professor universitário se encontra gravemente doente. Internado em um hospital público, com corredores superlotados, as críticas ao Estado aparecem. Seu filho, rico empresário, compra tudo e todos para dar conforto aos últimos dias do pai.

**Encontro com Milton Santos ou o Mundo Global Visto do lado de cá.** Direção Silvio Tendler. Brasil, 2007, 89 min. Documentário realizado a partir de uma entrevista com o geógrafo Milton Santos, no ano de sua morte. Milton Santos expõe suas ideias sobre o tema da globalização e seus efeitos nas cidades e países do planeta.

**Quanto vale ou é por quilo.** Direção Sérgio Bianchi. Brasil, 2005, 108 min. Livre adaptação para o conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis. O filme faz uma profunda crítica da manutenção na sociedade brasileira de desigualdades e preconceitos históricos. No quadro de comparações, a cruel escravidão mantida até o século XIX e nos dias atuais a exploração da miséria pelo terceiro setor, na total ausência do Estado frente a essa questão.

**A História Real.** Direção Andrea Pasquini. Brasil, 2001, 15 min. Num hospital que luta para não fechar as portas, duas crianças descobrem o primeiro amor.

**Memória del Saqueo.** Direção Pino Solanas. Argentina/Suíça/França, 2003, 120 min. Documentário sobre a série de reformas políticas e econômicas ocorridas na Argentina desde o final da ditadura militar até sua crise institucional no início do milênio. Mortalidade infantil, desnutrição, abandono social e endividamento externo constroem a crítica à violência do neoliberalismo no mundo.

**Ilha das Flores.** Direção Jorge Furtado. Brasil, 1989, 13 min. Um ácido e divertido retrato da mecânica da sociedade de consumo. Acompanhando a trajetória de um simples tomate, desde a plantação até ser jogado fora, o documentário escancara o processo de geração de riqueza e as desigualdades que surgem no meio do caminho. <http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=647>

**Sicko.** Direção de Michael Moore. EUA, 2007, 113 min. Um painel do deficiente sistema de saúde americano. O documentário examina como o EUA chegou à mercantilização do seu sistema de saúde, que funciona apenas para aqueles que podem pagar. O filme visita uma série de países com sistema de saúde público e eficiente como Cuba e Canadá.

## MÚSICA, POESIA E LITERATURA

**Desterro.** F.U.R.T.O / Composição: Marcelo Yuka, Marisa Monte, Jamilson da Silva e Dadi Carvalho.

*Um nordestino de nome Jesus*

*Procurado noite e dia em São Paulo*

*Turcos na Alemanha*

*Um Palestino servindo café em Israel*

*Afro-asiáticos nas ruas de Seattle*

*E mesmo assim ainda é difícil  
Vê um beijo multiracial em Hollywood  
O mundo migra e dá de cara com fronteiras  
As chaves são as mesmas Samuel L. Jackson e  
Charlton Heston  
Tem a mesma cor da violência  
Os dois acreditam em armas  
Os dois abrem portas com dólares e euros*

*Um beijo na pátria amada  
Ao lado de uma bandeira queimada*

*Braço, é braço, braço de terra negada  
Braços pulando os muros do mundo  
Do futuro por emprego, braços de refugiados  
Apesar de tudo, por um instante*

*Pousam num estado de aleluia  
Sem religião de sterro, ah, de sterro*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/furto/209486/>

**Haiti.** Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1993.

*Quando você for convidado pra subir no adro  
Da fundação casa de Jorge Amado  
Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos  
Dando porrada na nuca de malandros pretos  
De ladrões mulatos e outros quase brancos  
Tratados como pretos  
Só pra mostrar aos outros quase pretos  
(E são quase todos pretos)  
E aos quase brancos pobres como pretos  
Como é que pretos, pobres e mulatos  
E quase brancos quase pretos de tão pobres são  
tratados  
E não importa se os olhos do mundo inteiro  
Possam estar por um momento voltados para o largo  
Onde os escravos eram castigados  
E hoje um batuque um batuque  
Com a pureza de meninos uniformizados de escola  
secundária*

*Em dia de parada  
E a grandeza épica de um povo em formação  
Nos atrai, nos deslumbra e estimula  
Não importa nada:  
Nem o traço do sobrado  
Nem a lente do fantástico,  
Nem o disco de Paul Simon  
Ninguém, ninguém é cidadão  
Se você for a festa do pelô, e se você não for  
Pense no Haiti, reze pelo Haiti  
O Haiti é aqui  
O Haiti não é aqui  
E na TV se você vir um deputado em pânico mal  
dissimulado  
Diante de qualquer, mas qualquer mesmo,  
qualquer, qualquer  
Plano de educação que pareça fácil  
Que pareça fácil e rápido  
E vá representar uma ameaça de democratização  
Do ensino do primeiro grau  
E se esse mesmo deputado defender a adoção da  
pena capital  
E o venerável cardeal disser que vê tanto espírito no  
feto  
E nenhum no marginal  
E se, ao furar o sinal, o velho sinal vermelho  
habitual  
Notar um homem mijando na esquina da rua sobre  
um saco  
Brilhante de lixo do Leblon  
E quando ouvir o silêncio sorridente de São Paulo  
Diante da chacina  
111 presos indefesos, mas presos são quase todos  
pretos  
Ou quase pretos, ou quase brancos quase pretos de  
tão pobres  
E pobres são como podres e todos sabem como se  
tratam os pretos  
E quando você for dar uma volta no Caribe  
E quando for trepar sem camisinha*

*E apresentar sua participação inteligente no  
bloqueio a Cuba  
Pense no Haiti, reze pelo Haiti  
O Haiti é aqui  
O Haiti não é aqui  
Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/44730/>*

**A Cidade.** Chico Science, 1994.

*O sol nasce e ilumina  
As pedras evoluídas  
Que cresceram com a força  
De pedreiros suicidas  
Cavaleiros circulam  
Vigiando as pessoas  
Não importa se são ruins  
Nem importa se são boas  
E a cidade se apresenta  
Centro das ambições  
Para mendigos ou ricos  
E outras armações  
Coletivos, automóveis,  
Motos e metrô  
Trabalhadores, patrões,  
Policiais, camelôs  
A cidade não pára  
A cidade só cresce  
O de cima sobe  
E o de baixo desce  
A cidade não pára  
A cidade só cresce  
O de cima sobe  
E o de baixo desce  
A cidade se encontra  
Prostituída por aqueles que a usaram  
Em busca de uma saída  
Ilusora de pessoas  
De outros lugares,  
A cidade e sua fama  
Vai além dos mares*

*E no meio da esperteza  
Internacional  
A cidade até que não está tão mal  
E a situação sempre mais ou menos  
Sempre uns com mais e outros com menos  
A cidade não pára  
A cidade só cresce  
O de cima sobe  
E o de baixo desce  
A cidade não pára  
A cidade só cresce  
O de cima sobe  
E o de baixo desce  
Eu vou fazer uma embolada,  
Um samba, um maracatu  
Tudo bem envenenado  
Bom pra mim e bom pra tu  
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus  
Num dia de sol, recife acordou  
Com a mesma fedentina do dia anterior.*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/chico-science/45205/>

**A Nova Bíblia do Tio Sam.** Pierre Bourdieu, Loïc Wacquant.

<http://diplomatie.uol.com.br/acervo.php?id=271&tipo=acervo&PHPSESSID=e982d772e136b75d3fac6b3715d1e5c5>

(...) Em todos os países avançados, patrões, altos funcionários internacionais, intelectuais de projeção na mídia e jornalistas de primeiro escalão, se puseram de acordo em falar uma estranha “novlangue [1]” cujo vocabulário, aparentemente sem origem, está em todas as bocas: “globalização”, “flexibilidade”; “governabilidade” e “empregabilidade”; “underclass” e “exclusão”; “nova economia” e “tolerância zero”; “comunitarismo [2]”, “multiculturalismo” e seus primos

“pós-modernos”, “etnicidade”, “minoridade”, “identidade”, “fragmentação” etc.

A difusão dessa nova vulgata planetária — da qual estão notavelmente ausentes capitalismo, classe, exploração, dominação, desigualdade, e tantos vocábulos decisivamente revogados sob o pretexto de obsolescência ou de presumida impertinência — é produto de um imperialismo apropriadamente simbólico: seus efeitos são tão mais poderosos e perniciosos porque ele é veiculado não apenas pelos partidários da revolução neoliberal — que, sob a capa da “modernização”, entende reconstruir o mundo fazendo tábula rasa das conquistas sociais e econômicas resultantes de cem anos de lutas sociais, descritas, a partir dos novos tempos, como arcaísmos e obstáculos à nova ordem nascente, — porém também por produtores culturais (pesquisadores, escritores, artistas) e militantes de esquerda que, em sua maioria, ainda se consideram progressistas. (...)

Como as dominações de gênero e etnia, o imperialismo cultural é uma violência simbólica que se apóia numa relação de comunicação coercitiva para extorquir a submissão e cuja particularidade consiste, nesse caso, no fato de universalizar particularismos vinculados a uma experiência histórica singular, ao fazer com que sejam desconhecidos, enquanto tal, e reconhecidos como universais. [3] (...)

Além do efeito automático da circulação internacional de idéias que, por sua própria lógica, tende a ocultar as condições e os significados originais, [4] o jogo das definições prévias e deduções escolásticas substitui a contingência das necessidades sociológicas negadas pela aparência da necessidade lógica e tende a ocultar as raízes históricas de todo um conjunto de questões e de noções: a “eficácia”

do mercado (livre), a necessidade de reconhecimento das “identidades” (culturais), ou ainda a reafirmação-celebração da “responsabilidade” (individual), que serão decretadas filosóficas, sociológicas, econômicas ou políticas, segundo o lugar e o momento de recepção. (...)

Planetarizados, globalizados, no sentido estritamente geográfico, e ao mesmo tempo desparticularizados, esses lugares-comuns, ao serem ruminados pelos meios de comunicação transformam-se num senso comum universal, fazendo esquecer que, na maioria das vezes, eles apenas exprimem — de forma truncada e irreconhecível, até por aqueles que os propagam — realidades complexas e contestadas de uma sociedade histórica particular, tacitamente constituída em modelo e em medida de todas as coisas: a sociedade norte-americana da era pós-fordista e pós-keynesiana. Esse único super-poder, essa Meca simbólica da Terra, caracteriza-se pelo dismantelamento deliberado do Estado social e pelo hipercrescimento correlativo do Estado penal, o esmagamento do movimento sindical e a ditadura da concepção de empresa fundada apenas no “valor-acionário”, assim como em suas conseqüências sociológicas: a generalização dos salários precários e da insegurança social, transformada em motor privilegiado da atividade econômica.

É o que ocorre, por exemplo, com o debate vago e fraco em torno do “multiculturalismo”, termo importado, na Europa, para designar o pluralismo cultural na esfera cívica, enquanto nos Estados Unidos se refere, no interior do próprio movimento pelo qual ele os mascara, à exclusão contínua dos negros e à mitologia nacional do “sonho americano” da “oportunidade para todos”, correlativa da

falência que afeta o sistema do ensino público num momento em que a competição pelo capital cultural se intensifica e quando as desigualdades de classe crescem vertiginosamente. (...)

O adjetivo “multicultural” encobre essa crise ao confiná-la, artificialmente, apenas no microcosmo universitário e ao expressá-la num registro ostensivamente “étnico”, quando seu verdadeiro desafio não é o reconhecimento das culturas marginalizadas pelos cânones acadêmicos, mas o acesso aos instrumentos de (re)produção das classes médias e superiores, como a universidade, num contexto de desengajamento ativo e massivo do Estado.

O “multiculturalismo” americano não é nem um conceito nem uma teoria, nem um movimento social ou político — ainda que pretenda ser tudo isso ao mesmo tempo. É um discurso-tela cujo estatuto intelectual resulta de um gigantesco efeito de allodoxia nacional e internacional [5] que engana tanto aqueles que estão nele como os que não estão. Além do que é um discurso norte-americano, embora pense e se apresente como universal, ao exprimir as contradições específicas da situação de universitários que, alijados de qualquer acesso à esfera pública e submetidos a uma forte diferenciação em seu meio profissional, não têm outro terreno onde investir sua libido política exceto o das disputas de campus disfarçadas em epopéias conceituais. (...)

Enquanto os filósofos se deliciam doutamente com o “reconhecimento cultural”, dezenas de milhares de crianças de classes e etnias dominadas são excluídas das escolas primárias por falta de vagas (eram 25.000 só este ano, na cidade de Los Angeles), e um jovem em dez provenientes de famílias que ganham menos de

15.000 dólares anuais tem acesso aos campi universitários, contra 94% das crianças de famílias que dispõem de mais de 100 000 dólares.

Poder-se-ia fazer a mesma demonstração a propósito da noção fortemente polissêmica de “globalização”, que tem como efeito, se não como função, vestir de ecumenismo cultural ou de fatalismo economista os efeitos do imperialismo norte-americano e de fazer aparecer uma relação de força transnacional como uma necessidade natural. Ao término de um retorno simbólico baseado na naturalização dos esquemas do pensamento neoliberal cuja dominação se impõe há vinte anos graças ao trabalho dos think tanks (bancos de idéias) conservadores e de seus aliados nos campos político e jornalístico, [6] a remodelagem das relações sociais e das práticas culturais conforme o padrão norte-americano, imposta às sociedades avançadas através da pauperização do Estado, mercantilização dos bens públicos e generalização da insegurança salarial, é aceita com resignação como resultado obrigatório das evoluções nacionais, quando não é celebrada com entusiasmo de carneirinhos. A análise empírica da evolução das economias avançadas de longa duração sugere no entanto que a “globalização” não é uma nova fase do capitalismo, mas uma “retórica” invocada pelos governos para justificar sua submissão voluntária aos mercados financeiros. A desindustrialização, o crescimento das desigualdades e a contradição das políticas sociais, longe de serem a consequência fatal do crescimento das trocas externas, como sempre se diz, resultam de decisões de política interna que refletem a mudança das relações de classe em favor dos proprietários do capital. [7] (...)

Como todas as mitologias da idade da ciência, a nova vulgata planetária apóia-se numa série de oposições e equivalências, que se sustentam e contrapõem, para descrever as transformações contemporâneas das sociedades avançadas: desengajamento econômico do Estado e ênfase em seus componentes policiais e penais, desregulação dos fluxos financeiros e desorganização do mercado de trabalho, redução das proteções sociais e celebração moralizadora da “responsabilidade individual”:

|MERCADO | ESTADO | |liberdade | coerção|  
|aberto | fechado | |flexível | rígido | |dinâmico,  
móvel | imóvel, paralisado| |futuro, novidade  
| passado, ultrapassado| |crescimento |  
imobilismo, arcaísmo | |indivíduo, individualismo  
| grupo, coletivismo | |diversidade, autenticidade  
| uniformidade, artificialidade | |democrático |  
autocrático (“totalitário”)|

O imperialismo da razão neoliberal encontra sua realização intelectual em duas novas figuras exemplares da produção cultural.

Primeiramente o especialista que prepara, na sombra dos bastidores ministeriais ou patronais ou no segredo dos think tanks (bancos de idéias), documentos de forte cunho técnico, e tanto quanto possível construídos em linguagem econômica e matemática. Em seguida, o conselheiro em comunicação do príncipe, trãnsfuga do mundo universitário agora a serviço dos dominantes, cujo serviço é dar forma acadêmica aos projetos políticos da nova nobreza de Estado e da empresa. O modelo planetário e incontestado é o sociólogo britânico Anthony Giddens, professor da Universidade de Cambridge, agora à testa da London School of Economics e pai da “teoria da estruturação”, síntese escolástica de diversas tradições sociológicas e filosóficas. (...)

E pode-se perceber a encarnação por excelência do estratagema da razão imperialista no fato de que é a Grã-Bretanha, posta por razões históricas, culturais e lingüísticas em posição intermediária, neutra, entre os Estados Unidos e a Europa continental, que fornece ao mundo esse cavalo de Tróia de duas cabeças — uma política e a outra intelectual — na pessoa dual de Anthony Blair e Anthony Giddens, “teórico” autoproclamado da “terceira via”, que, segundo suas próprias palavras, que são citadas textualmente, “adoto uma atitude positiva em relação à globalização”; “tento [sic] reagir às novas formas de desigualdades”; porém logo adverte que “os pobres de hoje não são semelhantes aos de outrora, (...) assim como os ricos não se parecem mais com o que eram antigamente”; “aceito a idéia de que os sistemas de proteção social existentes, e a estrutura do conjunto do Estado, são a fonte dos problemas, e não apenas a solução para resolvê-los”; “ênfasis o fato que as políticas econômicas e sociais estão relacionadas” para afirmar melhor que “as despesas sociais devem ser avaliadas em termos de suas conseqüências para a economia em seu conjunto”; e, finalmente, “preocupo-me com os mecanismos de exclusão” que descobre “na base da sociedade, mas também no topo [sic]”, convencido que “redefinir a desigualdade em relação à exclusão nesses dois níveis” é “conforme a uma concepção dinâmica da desigualdade”. [8] Os mestres da economia podem dormir tranqüilos: eles encontraram seu Pangloss. [9]

#### NOTAS:

[1] Este termo não existe em português. Os franceses utilizam *novlangue* para os termos que desconsideram o vocabulário corrente e produzem termos que tornam hermética a compreensão do fenômeno relatado. Isso se dá na esfera política e filosófica.

[2] Comunitarismo é um conceito teorizado por Charles Taylor, Michael Walzer, Alasdair McIntyre. Valoriza a comunidade como um bem em si, assim como a igualdade e a liberdade, sendo o espaço no qual os indivíduos podem se exprimir, partilhar valores. Seus críticos vêem nesse conceito a teorização dos guetos.

[3] É bom deixar claro de saída não detêm o monopólio na pretensão ao universal. Vários outros países — a França, a Grã-Bretanha, a Alemanha, a Espanha, o Japão, a Rússia — exerceram, ou tentam ainda exercer, em seus círculos de influência, formas de imperialismo cultural bastante semelhantes. A grande diferença é que, pela primeira vez na história, um único país encontra-se em posição de impor o seu ponto de vista ao mundo inteiro.

[4] Ler, de Pierre Bourdieu, “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées”, *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte*, 14 -1/2, Heidelberg, 1990, p. 1-10.

[5] Allodoxia: o fato de tomar uma coisa por outra.

[6] Ler, de Keith Dixon, *Les Évangélistes du marché*, Raisons d’agir Éditions, Paris, 1998.

[7] Com relação à “globalização” como “projeto norte-americano” visando a impor o conceito de “valor-acionário” da empresa, ler, de Neil Fligstein, “Rhétorique et réalités de la “mondialisation”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, nº 119, setembro de 1997, p. 36-47.

[8] Estes trechos foram retirados do catálogo de definições escolares de suas teorias e opiniões políticas que Anthony Giddens propôs ao programa “FAQs (Frequently Asked Questions)”, em seu site na Internet.

[9] N. de. T.: Personagem do livro *Candide* ou *l’optimisme*, de Voltaire, filósofo que provava que tudo tem uma finalidade, que é necessariamente a melhor das finalidades. Seu refrão era: tudo é o melhor, no melhor dos mundos possíveis.

## SITES

Le Monde Diplomatique:

<http://diplomatie.uol.com.br/>

Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil: <http://www.dichistoria.saude.coc.fiocruz.br/iah/P/>

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio:  
<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php>

Banco de Dados do SUS:  
<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php>

Portal da Saúde:  
<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/default.cfm>

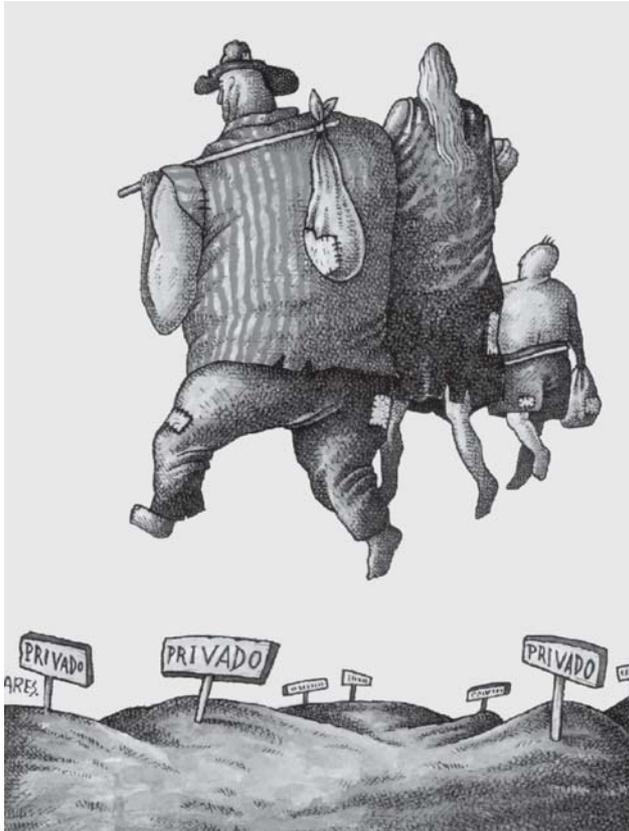
## DE OLHO NO CONTEÚDO

1. A década de 1990 foi marcada pela afirmação do neoliberalismo no Brasil. No que diz respeito à política nacional de saúde, acirraram-se as tensões e os embates entre o setor público e o privado. Como consequência, verifica-se um avanço dos interesses mercantis na área da saúde, em detrimento de uma perspectiva voltada ao atendimento das necessidades da população e de uma compreensão da saúde como um bem público não-mercantil, *direito de todos e dever do Estado*, tal como define a Constituição brasileira. Sendo assim, discuta os caminhos tomados pelo Sistema Único de Saúde nesse período.

2. Na última década do século passado, observou-se o aprofundamento das formas de favorecimento, por parte do Estado, do setor privado da saúde. As agências financeiras do governo trataram de apoiar os hospitais particulares do país, por intermédio de repasse constante de recursos e do crescente credenciamento destes como instituições filantrópicas, livres de certos impostos. No entanto, propostas que pretendem resistir a esse processo de subordinação da lógica pública à lógica privada, no campo da saúde, não deixam de se fazer presentes. Identifique essas propostas e as principais questões envolvidas no debate.

## DE OLHO NAS IMAGENS

As charges e as fotografias destacadas retratam a crise econômica e a crise na saúde pública do Brasil nos anos 1970. Reflita sobre a relação entre elas.



**Sr. Deputado:  
dê à saúde o que  
é da saúde.**

**Vote a favor da  
regulamentação  
da EC29.**

**EU QUERO É + SAÚDE**  
Vamos apoiar a  
regulamentação  
da verba da saúde  
Emenda Constitucional 29

CFM Conselho Federal  
de Medicina FENAM

Frete Parlamentar da Saúde





# 10

## Trabalho e educação em saúde na agenda do SUS

Para saber mais

## LEITURAS

ESCOREL, Sarah e BLOCH, Renata Arruda de. As conferências nacionais de Saúde na construção do SUS. In. LIMA, Nísia T., GERSCHMAN, Silvia, EDLER, Flavio e SUÁREZ, Julio Manuel (org). Saúde e Democracia. História e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

História dos Trabalhadores da Saúde. Ciência & saúde coletiva. v. 13. n. 3, Rio de Janeiro, maio/jun. 2008.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=1413-812320080003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-812320080003&lng=pt&nrm=iso)

HOCHMAN, G., SANTOS, P. X., PIRES-ALVES, F.A. História, saúde e recursos humanos: análises e perspectivas. In Barros, A.F.R. (org.). Observatório de recursos humanos em saúde no Brasil: *estudos e análises*, v. 2. Brasília, Ministério da Saúde, 2004.

LIMA, Julio César França. “Bases Histórico-Conceituais para a compreensão do trabalho em Saúde. In FERREIRA, Angélica Fonseca e STAUFFLER, Anakeila de Barros (org). O Processo Histórico do Trabalho em Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&MNU=&Tipo=8&Num=27>

LIMA, Júlio César França. e FALLEIROS, Ialê. Memória da Educação Profissional em Saúde no Brasil – anos 1980 –1990. Observatório dos Técnicos em Saúde, sediado na Escola

Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), 2006.

<http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/upload/projeto/Relatorio%20Memoria.pdf>

LIMA, Nísia T. O Brasil e a Organização Pan-Americana de Saúde: uma história em três dimensões. In. FINKELMAN, J. (org.). Caminhos da Saúde Pública no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MACHADO, Maria Helena. Trabalhadores da Saúde e sua trajetória na Reforma Sanitária, in LIMA, Nísia T., GERSCHMAN, Silvia, EDLER, Flavio e SUÁREZ, Julio Manuel (org). Saúde e Democracia. História e perspectiva do SUS. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção; PIRES-ALVES, Fernando Pires-Alves; HOCHMAN, Gilberto. A cooperação técnica OPAS-Brasil na formação de trabalhadores para a saúde (1973–1983). *Ciência e saúde coletiva*, v.13, nº3, Rio de Janeiro, maio/jun. 2008.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000300015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt%20](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000300015&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt%20)

PAIVA, C. H. A. “A Organização Pan-americana da Saúde (OPAS) e a reforma de recursos humanos na saúde na América Latina (1960-1970)” Texto preliminar do projeto “História da cooperação técnica OPAS-Brasil em recursos humanos para a saúde”, Rio de Janeiro, 2004.

PEREIRA, Isabel Brasil. “Tendências curriculares nas escolas de Formação Técnica para o SUS”,

in *Trabalho, Educação e Saúde*, V. 2, nº 1, 2004.

<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/>

PEREIRA, Isabel Brasil e RAMOS, Marise Nogueira. *Educação profissional em Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

PEREIRA, Isabel Brasil. *Histórico da Educação Profissional em Saúde*. In. FERREIRA, Angélica Fonseca e STAUFFER, Anakeila de Barros (org). *O Processo Histórico do Trabalho em Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=Material&MNU=&Tipo=8&Num=27>

PIRES-ALVES, F.A. e PAIVA, C. H. A. *Recursos Críticos. História da cooperação técnica Opas-Brasil em Recursos Humanos para a Saúde (1975-1988)*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2006.

PIRES-ALVES, Fernando A.; PAIVA, Carlos Henrique Assunção; SANTANA, José Paranaguá de; MEJÍA, Victoria. *A cooperação técnica Opas-Brasil e o desenvolvimento de recursos humanos em saúde: trajetórias históricas e agendas contemporâneas RECIIS – R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.4, nº1, p.68-77, mar. 2010.*

<http://www.reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/347/502>

*Revista Trabalho, Educação e Saúde (EPSJV-FIOCRUZ)*.

<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/>

## **MÚSICA, POESIA E LITERATURA**

**Comida.** Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, 1987.

*Bebida é água!*

*Comida é pasto!*

*Você tem sede de que?*

*Você tem fome de que?...*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer comida*

*Diversão e arte*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer saída*

*Para qualquer parte...*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer bebida*

*Diversão, balé*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer a vida*

*Como a vida quer... Bebida é água!*

*Comida é pasto!*

*Você tem sede de que?*

*Você tem fome de que?...*

*A gente não quer só comer*

*A gente quer comer*

*E quer fazer amor*

*A gente não quer só comer*

*A gente quer prazer*

*Prá aliviar a dor...*

*A gente não quer*

*Só dinheiro*

*A gente quer dinheiro*

*E felicidade*

*A gente não quer*

*Só dinheiro*

*A gente quer inteiro*

*E não pela metade...*

*Bebida é água!*

*Comida é pasto!*

*Você tem sede de que?*

*Você tem fome de que?...*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer comida*

*Diversão e arte*

*A gente não quer só comida*

*A gente quer saída  
Para qualquer parte...  
A gente não quer só comida  
A gente quer bebida  
Diversão, balé  
A gente não quer só comida  
A gente quer a vida  
Como a vida quer... A gente não quer só comer  
A gente quer comer  
E quer fazer amor  
A gente não quer só comer  
A gente quer prazer  
Prá aliviar a dor... A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer dinheiro  
E felicidade  
A gente não quer  
Só dinheiro  
A gente quer inteiro  
E não pela metade... Diversão e arte  
Para qualquer parte  
Diversão, balé  
Como a vida quer  
Desejo, necessidade, vontade  
Necessidade, desejo, eh!  
Necessidade, vontade, eh!  
Necessidade...*

Para ouvir: <http://letras.terra.com.br/titas/91453/>

## SITES

Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde – Brasil: <http://www.observarh.org.br/observarh/repertorio/index.htm>

Estação de Trabalho Observatório de Técnicos em Saúde – EPSJV/Fiocruz:  
<http://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/>

Estação de Trabalho História e Saúde – COC/  
Fiocruz:  
<http://observatoriohistoria.coc.fiocruz.br/php/index.php>

Rede de Escolas Técnicas do SUS – RETSUS:  
<http://www.retsus.epsjv.fiocruz.br/index.php?Area=RETSUS>

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV:  
<http://www.epsjv.fiocruz.br/index.php>

Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) – EPSJV:  
<http://bvsvfiocruz.fiocruz.br/php/level.php?lang=pt&component=52&item=8>

## DE OLHO NO CONTEÚDO

1) O título do artigo “Trabalho e educação em saúde: uma agenda em construção” expressa a ideia de um processo em andamento, em que se pode observar avanços importantes mas também impasses e dificuldades nos esforços dirigidos à formação de recursos humanos em saúde, em consonância com desígnios da reforma sanitária e do SUS. Depois de ler o texto, procure sintetizar as principais iniciativas voltadas à gestão do trabalho e à educação em saúde apresentadas pelos autores do artigo, identificando os avanços realizados e os desafios e dificuldades que ainda se fazem presentes.

2) “Redes são espaços onde compartilhamos notícias, onde buscamos saber o que se passa com os outros. A ideia de rede compreende a mobilização de um conjunto de pessoas, projetos, instituições, associações, organizações e outros atores que compartilham a tarefa de promover o desenvolvimento de um determinado campo temático e de relações sociais entre si e com a sociedade”

10

Apesar da heterogeneidade das 35 Escolas e Centros Formadores de Saúde vinculados ao SUS – as chamadas ETSUS –, o trabalho em rede tem sido a estratégia utilizada visando fortalecer e dar andamento às políticas de formação profissional em saúde. Reflita sobre o

tema, apontando os principais desafios e impasses que as ETSUS têm enfrentado no seu trabalho como rede, de modo a atingir seus objetivos de colaborar na construção e consolidação do SUS.